F. Octaviano

Silencio esc.

FRANCISCO OCTAVIANO DE ALMEIDA ROZA.

I

screver ácerca do Brazil é tarefa difficil para quem n'elle reside. Affeições ou preconceitos podem fazer realçar o que é mediocre, ou menospresar o merito real. Affeições porque a natureza é rica, as familias são hospitaleiras, os individuos affaveis, as apparencias de talento muito generalisadas, a propensão para o extremo elogio, ou extrema critica costume inveterado no paiz. Preconceitos porque as luctas da emancipação apartaram as duas nacionalidades, que mutuamente se calumniaram; e depois as idéas francezas, propagadas pela tribuna, pelo folhetim, pelos circulos de palestra, vieram desviar a nação de seus habitos tradiccionaes, e revestil-a de trages alheios, dar-lhe certos gestos, certos pensares, antipathicos á velha raça latina de *Bracara Augusta* e de *Porto Cale*.

É verdade que hoje a reacção contra o francezismo,—abastardamento da indole nacional,—começa em dois campos de grande poderio no paiz,—na litteratura e na politica. Sentindo a decadencia que veio á França da proscripção de Hugo, e da falta

de enthusiasmo pelos seus grandes mestres, — os novos escriptores brazileiros tornam a inclinar-se para o berço de sua linguagem, para a eschola rigida, severa e nobre da litteratura que deu ao Brazil os mais bellos nomes na arte de escrever, — Caldas, J. B. da Gama, Gonzaga, J. B. d'Andrade. Os homens politicos vêem com receio a diffusão das idéas napoleonicas; e a escolher entre as velhas tradicções de nossos avós, que se afferravam ás instituições municipaes, não esquecendo a origem electiva da monarchia, e as doutrinas modernas de systema administrativo, em que o governo é a fonte de tudo, e a intelligencia popular fica condemnada á obediencia passiva, não hesitam em declarar-se pela maneira de sentir que mais se adopta á sua natureza americana.

Não é a condemnação de sua indole peculiar, é antes uma nova emancipação moral, que segue o methodo eclectico, para acceitar todas as doutrinas sãs, e repellir todos os elementos incompetentes, que podem affectar a organisação constitucional do paiz. Acceitam as theorias geraes, que os publicistas francezes derramaram pelas nações no grande rompimento de 1789, mas não se querem identificar com uma nação, que tudo tem sacrificado á idéa monorchica desde a sagração de Clovis até o plebiscito imperial do actual Napoleão. Mas em quanto o pensamento inteiro do paiz não se define, ficam em pé as antipathias contra as idéas severas da antiga metropole, que em nada se cazam com os modernos arrebiques francezes.

Procuraremos apartar-nos d'estes preconceitos, e ao mesmo tempo dominar as affeições, que nos prendem a este paiz. Não é prazer de pequena valia elevar-se por uma hora acima das paixões do momento, e prescrutar a civilisação que lentamente se fórma n'este grande imperio.

II

O Rio de Janeiro exerce para o Brazil as mesmas funcções de Paris para a França, Weimar para a Allemanha, Florença para a Italia; centro a que affluem todos os espiritos eminentes, é a sua capital intellectual. Mas ha n'este paiz um preconceito injusto a seu respeito. Como successivamente tem predominado na politica os Paulistas, os Mineiros, e os Bahianos, negam a superioridade de seus filhos, e o inculcam como theatro de alheios meritos. Mas para quem tem aqui acompanhado com imparcialidade as evoluções politicas do paiz, parece esta asserção injusta, e em perfeita contradicção com os factos.

Theatro das luctas tribunicias a capital brazileira adquirio uma educação politica superior ás provincias. Os seus escriptores são talvez menos democraticos, menos federalistas, mas tem a superioridade da intelligencia governativa. Não ha adulação no que asseveramos, porque se nos guiassemos por nossos affectos intimos, dariamos antes applausos aos luctadores do systema federativo. Mas é mister confessar que nos dois grandes periodos da emancipação nacional de 1822 a 1831, e da organisação interna de 1831 a 1848, o Brazil não houvera conseguido tornar-se uma nação, se em vez das doutrinas governamentaes, tivessem predominado as idéas federalistas.

Em um paiz, como este, de immensa superficie, de instrucção secundaria limitada ás classes elevadas, em que a phylosophia economica predomina menos do que o affecto, a imprensa, é mais do que os parlamentos centraes ou provinciaes, a grande tribuna em que o povo colhe as suas doutrinas.

De todas as mudanças que a revolução de 1789 operou, a que abrio a nova era das sociedades politicas, e portanto a mais importante, é a que chamou á deliberação governativa todos os cidadãos da nação. Outr'ora era esta grande palavra *cidadão*, o privilegio do Romano, do Atheniense, ou do Carthaginez. Successivamente prestaram homenagem a este privilegio colonias, provincias, nações, partes do globo, que eram tyrannisadas por um Sylla, ou um Alcebiades, com tanto que estes abaixassem a cabeça aos ociosos, que iam dissertar no Forum, ou inventar argucias nos degráos do portico. Com este systema,—que é o da dictadura dos centros intellectuaes,—desenvolveu-se, cresceu, e veio a cair, invadida pelos barbaros, assoldados nas cohortes e legiões, a civilisação latina e hellenica. Quando ella deu foros de cidade aos italianos revoltados, apoz aos gaulezes, aos iberios, aos godos, a idéa perdeu-se na anarchia, foram-se as tradicções do governo, e os descendentes de Arminio e de Vercingetorix, pensando cingir a corôa soberana dos velhos tempos de Actium, só encontraram sobre a fronte o seu capacete de ferro. Era o predominio da força.

A imprensa veio libertar as nações d'estas dictaduras centraes. A revolução de 1789 enunciou esta grande innovação, e os inventos da industria facilitaram-lhe a pratica.

III

Ha épocas ferteis em homens de subido merito. Quando a organisação politica assentou em bases duradouras, mas não defi-

nitivas,—porque n'esta nossa marcha para a civilisação evangelica não haverá paradeiro talvez por seculos,—nascem da quietação dos espiritos as idéas conservadoras. A mocidade, propensa ás grandes emoções, não póde dedicar-se então a uma carreira, em que os combatentes estão de armas descansadas, e contrarias fileiras praticam em amigavel conferencia. Para ella a politica é a excitação das turbas, as luctas renhidas na tribuna, a eloquencia calorosa da imprensa, quando a ousadia recebe applausos, e o calculo desapparece dos discursos. Contraria ao arrefecimento das paixões, á conciliação de oppostas idéas,—volve-se n'essas occasiões para outro estadio, o das lettras,—em que se não ha os enthusiasmos irreflectidos do momento, compensa-os o enthusiasmo posthumo pelas grandes realidades historicas.

De 1845 a 1854 o Brazil passou por uma d'essas épocas felizes para as lettras. Manifestaram-se grandes vocações, sorriram ao orgulho nacional talentos de grande futuro. O sr. *Gonçalves Dias*, que já pertence á posteridade pela excellencia incontestavel de suas primeiras poesias,—renovou com estrepito e gloria o gosto poetico da geração nova. O sr. *José de Alencar* estreando-se no duro mister de folhetinista, soube dar ás folhas soltas das revistas, que os diarios enviam ao esquecimento subsequente, e talvez aos estudos dos eruditos da posteridade,—mais do que ephemero valor,—o valor intrinseco do estylo. A penna habil, que brincava com os leitores do *Mercantil*, entretendo-os agradavelmente com a fantazia, em troca das noticias por que em vão esperavam, já revelava o futuro autor do *Guarany*, romance, que, apezar de imperfeito no plano, é talvez das melhores composições brazileiras. N'essa patria do sol e da poesia—o Maranhão,—realçava-se com o seu estudo de Vieira, um talento mais austero, que se lançava a assumptos mais trabalhosos, sem perder as graças de estylo, que andam ligadas ao nome de *Timon*, que adoptou e mereceu. Estes e outros nobres espiritos muito promettiam, e em parte justificaram a espectativa. Se ainda as obras de longo folgo, de estudo aturado, de valor immorredouro, são poucas, não os accusemos,—o sol dos tropicos se illumina esplendidamente os talentos, tambem em breve lhes gasta a força vital. N'esta terra de primaveras e tempestades ha muitas manhãs lindas, muito rebento viçoso de folhas e flôres, mas poucas tardes estivas, e nunca houve um outomno.

Entre estes jovens, que então se estrearam, um houve, que já trazia a sua reputação firmada dos bellos annos academicos de S. Paulo. Se mais tarde o sr. *Felix da Cunha*, ao subir os degráos

da tribuna politica, já era uma grande esperança,—o sr. *Francisco Octaviano*, ao entrar para a redacção da *Gazeta Official* em 1846, dava mais valor a essa folha, com as promessas de valentia e graça de seu espirito. Com talento natural para os estudos politicos, sem poder vencer esta vocação, comprehendera comtudo que as lettras não desmereciam da sua nova carreira, e que a gloria litteraria sempre ennobrecera os homens politicos. Nem todos assim o julgam, porque nem todos tem entendimento igual á sua reputação.

IV

O sr. Francisco Octaviano de Almeida Roza é fluminense. Nasceu no Rio de Janeiro a 26 de Junho de 1825. Seu pae era um medico estimado pelos homens do seu tempo.

O talento revelou-se cedo no futuro jornalista. Ainda então não viera a falsa etiqueta do francezismo viciar a vivacidade e alegria dos costumes nacionaes. Os jovens não occultavam o chiste de seu espirito, e as damas não recusavam os seus sorrisos, quando o coração lhes pulsava. No meio da sua geração, ainda festiva, ainda conservando as graças da fantazia, que são particulares aos fluminenses, o sr. Octaviano distinguia-se nas reuniões pela jovialidade gentil de seus dictos, e pela sensivel expressão das pequenas composições, que nas vagas academicas escrevia. Aos vinte annos já estava formado em sciencias juridicas pela Academia de S. Paulo.

A amenidade de seu trato não occultava frivolidade. Os estudos serios foram-lhe faceis. Recreava-se em Byron, afiava o estylo na pedra difficil e escorregadia de Michelet, mas não se esquecia de Benjamin Constant, de Royer Collard, ou de Macaulay. Na patria prezava os espiritos nobres,—que como *Aguiar de Andrade*, haviam semeado as idéas da grande litteratura, ou, como *Vasconcellos*, fundado a nacionalidade pela legislação. Como *Olympio Machado*,—bello futuro encerrado prematuramente no tumulo,—já se adestrava nas lides politicas. Se as folhas litterarias da Academia guardavam-lhe as confidencias poeticas, outras folhas mais experimentadas na vida pratica, já recebiam o cunho faceto e temerario de sua penna politica.

Voltando á cidade natal em época de dominio do partido descentralisador, alistou-se com lealdade entre os seus deffensores na imprensa, não por culto exagerado aos homens, mas por tendencia de idéas. A sua redacção na *Gazeta Official* não lhe desmereceu a reputação. Em breve a direcção principal foi-lhe en-

tregue, e o jornalismo do Brazil, em progresso desde o *Despertador*, recebeu mais alguns melhoramentos. Não eram mais artigos de interesse pessoal, que exclusivamente prehenchiam as suas columnas; todos os grandes interesses sociaes eram alli contemplados. Havia paginas para o expediente governativo, mas tambem para a instrucção do publico. Porém a folha não durou muito; em 1848 o governo suspendeu a sua publicação. Razões, que honram o redactor principal, tinham occasionado a suppressão d'esta verba, que aos olhos dos politicos de vista curta não se podia justificar perante o orçamento.

Em breve o *Jornal do Commercio*, asylo dos talentos que passeiam pela litteratura, desgostosos das luctas politicas,—acolheu o habil escriptor, não como invalido da imprensa, mas como individualidade robusta, que promettia muito ás regiões litterarias da folha, e ás suas columnas de interesse pratico. A *Semana*, rodapé franjado de ouro d'aquella folha, fundou no paiz o verdadeiro folhetim. Se não se reconhecia em suas linhas de erudição variada, de improviso facil, a perfeição de estylo, o caracteristico particular do autor, que mais tarde se desenvolveu, já havia muita elevação de vistas, muita generosidade de idéas, para ir revelando, que aquelle espirito estava ao par dos mais adiantados estudos dos escriptores europeus. Ao mesmo tempo a parte superior do *Jornal*, enriquecia-se com trabalhos sobre materias, até então julgadas secundarias pelos graves espiritos, que datavam do século passado, e punham os estudos de administração, estatistica, e instrucção publica em parallelo com as novidades francezas dos perfumistas e cabelleireiros. Se a discussão promovida pelo sr. Octaviano, não sortio todo o effeito desejado; se ainda os inspectores de quarteirão teimam em fabricar familias fabulosas, para as listas de recenseamento, e a administração central em passar a estatistica para a classe das sciencias especulativas;—se a instrucção publica ainda não recebeu organisação nacional, em que todos os élos sejam systematicamente fundidos e encadeados, até formar um quadro harmonioso, e por conseguinte crear as idéas geraes, alimento do espirito nacional;—algum resultado se colheu pela maior severidade dos exames, pela ampliação dos estudos, pelos ensaios de colligir dados estatisticos, pouco subsidiados é verdade pelo governo, e em que um particular, o sr. *Padre Thomaz Pompeu*, do Ceará, mais tem primado.

Estes estudos requeriam merecidos applausos e recompensas da classe mais illustrada do paiz. O Sr. Octaviano, coadjuvado por familias, que se distinguiam pela educação e caracter, apoia-

do nos collegios eleitoraes de Campos e Vassouras, — os mais adiantados da sua provincia natal, — entrou em 1853 para a camara dos deputados. O instituto dos advogados elegeu-o para seu secretario, já antes o fôra da provincia do Rio de Janeiro, e depois da commissão encarregada de organisar a estatistica. O conselho director da instrucção publica contando-o entre seus membros, sentio a invasão das idéas novas. Era a personificação de uma geração mais pratica, mais litteraria, que succedia aos homens habeis e dedicados de 1831, os quaes presavam menos a litteratura e a administração de que os certames politicos de discussão theorica.

O *Correio Mercantil* fundado em 1844, para auxiliar o restabelecimento do partido progressista, e que fora successivamente sustentado pelas habeis pennas de *J. A. Marinho*, *Salles Torres-Homem*, *Silva Paranhos*, *José de Assiz*, e *Domiciano Leite Ribeiro*, era em 1854, sob o dominio expirante das idéas de resistencia, o ultimo representante das tradicções quasi apagadas do lado contrario. O Sr. *F. Octaviano* sahindo do *Jornal do Commercio* entrou para aquella folha, levando ao arraial dos lidadores em descanço, ampla bagagem de idéas de progresso, para mais favoraveis tempos. Em breve um casamento uniu o distincto jornalista á familia do Sr. Moniz Barreto, proprietario da folha, — familia em que o gosto pelas lettras é hereditario, e que enriqueceu o seu merito tradiccional com esta nova alliança.

De 1854 a 1861 o espirito publico entrou em nova evolução. O *Marquez de Paraná*, — homem talhado pelo molde de Pombal e Cavour, mas sem os meritos litterarios d'estes, — ensaiou a applicação de novas idéas politicas, fazendo-as acompanhar dos melhoramentos industriaes da civilisação moderna. Decretaram-se circulos eleitoraes e incompatibilidades politicas, organisaram-se associações, para a navegação dos grandes rios, construcção de caminhos de ferro, e juncção de capitaes applicados á industria. Esta mudança nos habitos tradiccionaes do paiz, tendia a substituir o governo exclusivo do centro pelo das localidades, a representar no parlamento todos os interesses, e dar na administração mais força ao poder monarchico, destruindo a resistencia das grandes facções, dissolvidas sob a influencia das rivalidades pessoaes. Na ordem economica a liberdade de industria encetava os seus primeiros ensaios, procurando fazer por meio de emprezas particulares, os melhoramentos, que as difficuldades administrativas do paiz addiavam para mais tarde. Era a natureza americana, rica de idéas vastas, personificada em um grande homem, que reagia contra a indole latina — de acção exclusiva

do estado, sem comtudo perder os seus vestigios de origem, pois a iniciativa partia ainda do proprio governo.

Desde então os espiritos começaram a alistar-se no paiz em dois campos. De um lado os partidarios do governo do paiz directamente pelas suas influencias, realisando o systema do dominio parlamentar, até o ponto que comporta a educação politica da nação; o desenvolvimento do trabalho livre pelos meios indirectos, pela liberdade religiosa, pelas vias de communicação, pela irradiação do credito, — era o alicerce fundo em que queriam assentar as suas idéas; as consequencias immediatas eram passar da mão do governo para a iniciativa pessoal todos os interesses maiores do estado, e a força motriz, apertada no circulo estreito da capital, expandir-se e aviventar todas as provincias. Do outro lado os partidarios da unificação do paiz pela constante acção administrativa, pelo dominio exclusivo do catholicismo nos novos centros de população e nas novas leis civis, e pela organisação das industrias sob a tutella directa do estado.

Aos conservadores das tradicções governamentaes do velho regimen, devia de preferencia convir esta ultima ordem de idéas; á mocidade que se embriaga na lucta, que detesta todas as tutellas, que sonha com o progresso rapido, com o engrandecimento instantaneo do paiz, competia adoptar com enthusiasmo as tres liberdades, industrial, religiosa e parlamentar.

Idéas governamentaes até dezembro de 1858, deixaram estas ultimas de sel-o com a subida do ministerio Salles — Torres — Homem. Então a cisão dos partidos operou-se mais francamente. O Sr. D. F. Octaviano, deputado á legislatura de 1856, acompanhou os jovens do seu tempo. Não se contentando com os trabalhos da imprensa, subio tambem á tribuna, para defender as suas idéas. Desde então, ora nas discussões economicas do parlamento, ou na guerra de atiradores da imprensa, nunca deixou de seguir a mesma linha de procedimento. O grito de guerra! guerra! ás velhas crenças administrativas de 1842, foi soando em todos os seus discursos, em todos os seus artigos, rapidos, incisivos, sorrindo com o bom senso das suas criticas, elevando-se com as aspirações valentes de suas idéas, fertilisando-se com as invenções partidarias da sua imaginação, que davam o santo ao povo, nas denominações caracteristicas com que baptisava os contrarios.

Ha n'estas luctas merito subido, porque do lado fronteiro não fallecem talentos, boas razões politicas, grandes conhecimentos praticos. O Sr. Justiniano Rocha é uma penna fertil, flexivel, que se amolda a todas as idéas adoptadas pelo seu partido, sem

temer nunca a maior diversidade de materias, nem perder a fluidez e elegancia do seu estylo attico. No *Jornal do Commercio*, em communicados da situação, batalhavam ha pouco não vulgares pennas. Era o Sr. Salles-Torres-Homem, illustração litteraria, com instrucção vasta de theorias economicas, arredondando os seus periodos sob o reflexo magico de pensamentos graves, elevados, a que as generalidades dão certa solemnidade; eram os Srs. Silva Paranhos, Pereira da Silva, e outros, que pagavam o ridiculo em boa moeda, e luctavam em força de raciocinios sem desvantagem, e com habilidade insinuante para o povo.

Os eleitores da côrte tendo em janeiro de 1861 de escolher tres partidarios das novas idéas, recompensaram o zelo do distincto jornalista, dando-lhe uma cadeira no parlamento em época difficil para o paiz, que em tão grande crise chamava á representação os seus maiores talentos e mais provadas vocações. Na camara se sentaram os dois Ottonis, almas democraticas, e espiritos administrativos de grande alcance, Zacharias de Góes, intelligencia elevada, que se lança á discussão das mais difficeis theses constitucionaes, — J. B. d'Andrade, herdeiro de um grande nome, ao qual não desmerece na alma, vencendo-o na eloquencia, — Felix X. da Cunha, que como Lamartine sabe unir á poesia as razões do estadista, Alvaro Tiberio, J. d'Alencar, Gomes de Sousa, e muitos outros, que asseguram o futuro intellectual do novo imperio.

Aqui se encerra a nossa exposição de factos, porque nada escrevemos para a actualidade, procurando só o exame imparcial da historia, que não se arregimenta, e no nosso caso não tem direito a arregimentar-se, em fileira alguma.

V.

O Sr. F. Octaviano pertence ao numero dos semeadores de idéas, que as nações novas recebem da providencia, para a elaboração mysteriosa de sua civilisação. Honra a estes trabalhadores do porvir, que nunca verão em fructos sazonados os rebentos de suas plantas queridas! Honra a estes jornaleiros sem salario, que se destinam ás obscuridades gloriosas no mundo official, e que dominam o futuro pelo influxo de suas idéas!

Eil-os que vem de todos os lados do horisonte, com a fronte elevada, com a crença no coração. Passam, e as turbas não se inclinam. Pregam a religião do progresso a espiritos em rebeldia. Cingem ora a corôa e a capa de arminho, e vem sentar-se modestos e crentes ao par dos homens da sciencia, que se con-

finam entre os mappas e os manuscriptos; — ora sahem da industria, armados da força monetaria, não para enthesourar tristemente, mas para lançar os capitaes pelo espaço em pontes, em linhas telegraphicas, em viaductos, em borbotões de fumo, que movem navios e locomotivas, apparelhos industriaes e machinas para a sciencia; — ora são benedictinos da civilisação moderna, que nos cantos dos gabinetes exploram as idéas do velho mundo, colligem os vestigios do seu adiantamento historico, e adoptando as creações tradiccionaes do pensamento á peculiar organisação de seu paiz, lhe preparam o progresso moral, realidade invencivel, que resiste aos invasores tartaros, a Attila, á inquisição, aos caudilhos dos Pampas, e floresce vencedora na religião de Confucio, nos discursos de Lacordaire, nas idéas de Ghioberti, nas creações poeticas de Marmol.

A insaciedade é a doença mortal d'estas almas, que almejam por devorar o espaço. Nunca! nunca verão a patria realisar o engrandecimento, para que trabalham. Sabem que ha de ser uma grande nacionalidade; que a civilisação moral terá n'ella um representante atravez dos seculos; que aqui o christianismo se elevará na pratica pela fraternidade das raças; que as regiões fronteiras virão mais tarde receber o influxo de sua civilisação; que o sul do continente americano conservará a sua independencia ante os estranhos, amparado em sua unidade governativa. Sabem que estes rios magnificos, rasgando com suas ramificações os sertões da America, hão de ser devassados por grandes linhas de vapores, e unidos por caminhos de ferro colossaes; que grandes povoações hão de surgir com o encontro e união d'estes elementos industriaes; que o trabalho livre ha de fortalecel-as, aproveitando para a industria as riquezas naturaes do paiz. Mas quando soará essa grande hora no campanario secular? Tarde! bem tarde. E os tumulos não se abrirão, as camadas de terra não hão de separar-se para deixar passar da solemnidade da morte aos esplendores da vida o monarcha civilisador, o industrial audaz, o escriptor generoso, que morreram sonhando com a grandeza da patria... poetas do porvir!

.....

O Sr. *F. Octaviano* não desmente pessoalmente a espectativa d'aquelles que sómente o conhecem pelos seus artigos. De estatura elevada, magro, tem a cabeça alta e estreita, com o verdadeiro typo nacional; a sua fronte é poetica, os olhos, vivos e expressivos, revelam a mobilidade e calor do espirito; os labios abrem-se-lhe em sorriso, que parece ironico, mas não deixa de ser benevolente; ha riqueza em seus movimentos; não é o ho-

mem de lettras fossil da antiga sociedade encerrado na Torre do Tombo, ou na bibliotheca de Santa Genoveva; é uma natureza meridional, ora activa, ora indolente, mas em que sempre ha variedade de gestos. O orgão da voz não é forte, mas suppre-o a expressão rapida, instantanea do accionado, que pinta aos olhos a multiplicidade das idéas. Não temos a honra de o conhecer intimamente, mas os familiares amam-lhe a indole, mais poetica e descuidosa, do que a maior parte dos homens politicos, que em nossa época antes cuidam em hebraisar a vida, do que em pugnar pelas idéas.

Como escriptor o seu estylo é castigado; não gosta de grandes periodos, nem de grandes artigos; a dicção é sempre cuidadosa, a linguagem expuria de francezismos, quanto o comporta a terminologia politica em uso no paiz. Se escreve segundo a eschola de linguagem de Rebello da Silva e Latino Coelho, não é menos patriota, e amante da autonomia do seu paiz do que aquelles cavalheiros do nosso. Não presta cultos aos napoleonismos da politica, porque detesta as inversões constitucionaes, que poderiam adoptar o seu paiz a uma organisação impropria da natureza americana. Se na maneira de argumentar se aproxima da argucia concisa dos francezes, não lhes imita as tendencias para a centralisação absoluta, para a descrença politica, para a deificação das personalidades. É soldado das idéas, não dos homens. Não crê no ultramontanismo, — nas doutrinas reaccionarias prégadas pelo Sr. Padre Pinto de Campos, que tolheriam por seculos o progresso do imperio, — mas aquella alma ardente do *hymno mineiro* é por certo da religião de Lacordaire e Vieira. A guerra de atiradores é o seu forte. Ninguem se expõem ao fogo do inimigo mais alegre e audaz; envia-lhe settas, que se embebem no corpo, e doem fundo. Inventa ditos argutos, e em volta d'elles lavra os seus artigos. Leem-o amigos e contrarios; porque as graças do espirito a todos seduzem. Na imprensa, ou na tribuna, quando assesta a artilheria ligeira contra os inimigos, a brecha é certa. Ha tanto senso pratico em suas apreciações, que não seria de admirar se o publicista occultasse o administrador habil.

Fazemos votos para que esta previsão se realise.

Vassouras, 8 de Agosto de 1861.

REINALDO CARLOS.

A ERMIDA DE CASTROMINO

XI

o venerando mosteiro fundado em 1132 pelo arcediago de Coimbra D. Tello no sitio chamado dos *Banhos Reaes*, residia, com escandalo de todas as beatas da cidade, a administração geral do districto de Coimbra, e não sei que diversas outras repartições seculares e profanas. Da espaçosa cella, onde servido por moços fidalgos com foro e moradia nos livros da casa real, vivia exemplar e tranquillamente o D. Prior geral dos conegos regrantes de Santa Cruz, seu prior crasteiro, bispo na egreja universal e cancellario da Universidade, governava agora a cidade e o districto de Coimbra em nome da rainha, um cavalheiro da Extremadura provido interinamente no cargo de administrador geral que depois veio a ter o nome de governador civil, como já tivera por imitação franceza o titulo romano de prefeito.

Chegára um dia na successão dos tempos em que o poder real de amigo e protector dos filhos de S. Theotonio se transformára em ad-

versario d'aquelles inoffensivos e regelados cenobitas, e os expulsára do santo recinto onde quatro infantes tiveram nas mãos o baculo de D. Prior, e onde se criaram D. Fulgencio e D. Theotonio de Bragança, e o sr. D. Antonio, filho do infante D. Luiz.

Não lhes valeu a memoria do virtuoso arcediago, nem a recordação de D. João Peculiar, nem o respeito devido a S. Theotonio, nem o exemplo de tantos reis e principes que com larga e generosa mão deram ao convento terras e herdades desde a montanhosa Cintra, até á aprazivel Leça nas immediações do Porto. Tudo lhes tiraram em um dia, e tudo venderam, alborcaram, ou, para melhor dizer, disperdiçaram e destruiram em breves annos.

Grandes deviam de ser as culpas d'estes conegos regrantes, pois que Deus se não amerceou d'elles naquella hora extrema como tantas vezes fizera com espantosos milagres de que resam as chronicas.

O proprio rei D. Affonso Henriques que noventa e nove annos depois da fundação do mosteiro viera do outro mundo com a lança em riste matar o bispo D. Pedro Gavião por ter sollicitado do papa uma bulla contraria aos privilegios dos cenobitas, d'esta vez não arrombou a campa sepulchral para acudir pelos seus antigos confrades.[1]

Ao cabo de setecentos e dois annos sairam do esplendido convento de Santa Cruz os conegos regrantes de Santo Agostinho, e entrou por elle dentro a autoridade temporal apesar das cartas de mercê mandadas passar pelos senhores reis de Portugal, e sem embargo das bullas pontificias com que tantos papas os favoreceram; umas e outras cuidadosamente guardadas no riquissimo archivo e cartorio da casa.

Pareceu caso grave a muitos, e não faltou na cidade gente lida e erudita que affirmasse ser este acto uma profanação sacrilega de que o vigario de Christo pediria contas estreitas ao braço secular. Depois d'aquelle successo do bispo negro no tempo de D. Affonso Henriques diziam alguns conegos da Sé, ainda outro se não vira egual a este de arrancar do mosteiro, reedificado por D. Manoel, os pacificos frades cruzios.

Afinal o papa não achou o negocio tão feio como o andavam pintando os devotos, e com uma boa bulla sanou as irregularidades do poder temporal, deixou os conegos regrantes na rua, socegou as consciencias timoratas, e levantou as censuras em que talvez incorrera por desculpavel ignorancia do direito canonico o magistrado administrativo invadindo a confortavel cella do D. Prior de Santa Cruz.

Nella vamos encontrar a S. Ex.ª na continuação d'esta nossa historia em conferencia particular com o sr. secretario geral.

1 As chronicas dos conegos regrantes dizem que el-rei D. Affonso Henriques entrára na ordem terceira fundada por S. Theotonio para os seculares.

Estavam proximas as eleições para deputados, e os trabalhos preparatorios d'este laborioso parto nacional, traziam angustiado o pessoal administrativo do reino. Era diaria e já volumosissima a correspondencia particular com os administradores de concelho, recebedores, juizes, escrivães e tabelliães influentes, advogados celebres, medicos de fama, boticarios de nome, e com todos aquelles que na linguagem bastarda dos nossos degenerados tempos intitulamos influencias locaes.

O administrador geral e o seu secretario iam abrindo as cartas e tomando nota do que era necessario para vencer a eleição em Coselhas nos Fornos, e em outras terras não menos importantes e conspicuas. Dependia o triumpho ministerial aqui de um sino, acolá de um muro, nesta povoação de um habito de Christo, em outra do promettido cemiterio, mais longe da nomeação de um delegado do procurador regio.

Tal villa queria que lhe passassem ao lado todas as estradas do districto, e algum caminho de ferro, se chegasse a havel-os em Portugal, tal outra pretendia ser cabeça de comarca. Não sei se a aldêa da Lameira nas faldas do Bussaco não pedia que a côrte fosse residir ali dois ou tres mezes do verão. O vencimento das suas demandas até ao supremo tribunal de justiça, exigiam mais de quarenta proprietarios independentes.

Alguns agentes eleitoraes já sollicitavam, com precoce conhecimento do futuro, certas sommas para o almoço dos eleitores menos abastados que de longe viessem deitar a sua vista conscienciosa, e para aluguer de cavalgaduras que transportassem aleijados e enfermos. Do mercado pessoal do voto poucos ou nenhuns fallavam ainda na sua correspondencia.

Já se sabe que o digno administrador geral e o seu não menos digno secretario tinham que prometter o sino, o muro, o habito de Christo, o cemiterio, o delegado, as estradas, a comarca, a côrte, as demandas, e o dinheiro, como já haviam promettido debalde os seus illustres predecessores nas cadeiras curues do consulado administrativo de Coimbra. Accrescia mais a commenda que pretendia ha tantos annos um homem muito influente da freguezia da Sé, e as honras de moço fidalgo com exercicio para o filho de um cavalheiro da provincia que desejava ser convidado ao paço quando ia de cinco em cinco annos a Lisboa gastar seiscentos mil réis furtados á despeza ordinaria de sua nobre casa.

Os dois respeitaveis funccionarios promettiam tudo como que pezando-lhes de que tão pouco lhes pedissem. Pareceriam hoje amestrados em dirigir o suffragio universal de qualquer annexação europea, e capazes de levar a bom caminho a unidade allemã com que tanta gente anda embaraçada e afflicta de um e de outro lado do Rhe-

no. Prometter era o menos, cumprir as promessas é que ás vezes era impossivel; porem o administrador geral exercendo as funcções governativas interinamente, contava deitar a responsabilidade ás costas de quem o viesse substituir ou dos ministros, e retirar-se com nota de caracter bondoso e paternal.

Era no domingo immediato aos successos que o leitor já sabe, e nos domingos depois da missa costumavam reunir-se no palacio administrativo varias commissões de beneficencia a que presidia o chefe do districto.

Na sala de S. Ex.ª pela volta da hora e meia da tarde, achavam-se varias pessoas d'entre as mais notaveis de Coimbra, alguns lentes da Universidade, e a maior parte dos mesarios da Santa Casa da Misericordia. Pertenciam todos á commissão da reforma dos asylos de mendicidade, e esperavam ali que o sr. administrador geral viesse abrir a sessão.

Acabado o trabalho eleitoral d'aquelle dia, S. Ex.ª perguntou ao secretario se a commissão dos asylos estava reunida.

— Ahi estão na sala, respondeu o secretario, excepto o provedor da Misericordia que adoeceu.

— Manoel de Oliveira! Então que tem! Cuido que hontem o vi passar de carruagem no largo de Samsão.

— Pois é desde hontem que está doente. Dizem que foi com as noticias do paquete.

— Então que noticias foram essas?

— A quebra de um parente da mulher que era banqueiro em Londres. Já asseguram por ahi que Manoel de Oliveira fica arruinado, e que vai quebrar.

— Ora adeus! Bem sabe como é Coimbra! Terras pequenas! Meia cidade sempre a dizer mal da outra metade!

— Não senhor. D'esta vez creio que é negocio de costa acima. O peior é que a Misericordia está em maus lençóes. O thesoureiro, que é um palerma, tinha o cofre em casa do Oliveira, e agora se este chega a quebrar, não sei onde se ha de ir buscar o dinheiro!

Ficou pensativo o administrador geral. O secretario callou-se. Passados alguns instantes S. Ex.ª tocou a campainha, tirou da gaveta um bilhete de visita, e disse ao continuo que accudira ao som conhecido: «O meu creado que vá levar este bilhete a casa do sr. commendador «Manoel de Oliveira, e que diga que vai da minha parte saber se está «melhor.»

— Sr. secretario geral, proseguiu S. Ex.ª depois que o continuo se ausentou, essa noticia é grave, mas eu posso affirmar-lhe que o Oliveira é um homem honrado. Na classe commercial não lhe conheço superior e de poucos sei que o egualem. Qualquer que seja a verdade,

se elle tem nas mãos o cofre da Misericordia, é mister ajudal-o a sustentar o credito para que possa pagar. Coimbra inteira perderia muito se quebrasse uma das principaes casas de Portugal e a primeira da cidade e do districto.

— Isso vejo eu, mas nós não podemos impedir que elle seja declarado fallido, nem pagar por elle!

— Decerto não, volveu o administrador geral com ar sizudo talvez por se lembrar de que o seu elegante secretario perdera uns mezes a fazer a côrte a D. Anna, porém é nossa obrigação administrativa não o prejudicarmos espalhando essas noticias. Ainda que fossemos inimigos d'elle, aqui não somos homens, somos empregados, representamos os poderes publicos que são amigos e protectores de todos os cidadãos. Um homem que tanto bem fez á cidade e ao districto, e que o governo nomeou commendador ultimamente, deve achar protecção na autoridade quanto o permittem os limites legaes da nossa influencia.

— É que dizem que elle dispoz dos dinheiros da Misericordia, e nesse caso...

— Nesse caso devemos apurar a verdade, mas não autorisar taes rumores com palavras indiscretas. Nem tantos são os homens ricos e honrados em Portugal! Não desacreditemos este sem pleno conhecimento dos factos. Bem sabe que em se começando a dizer mal de um homem, nem depois que a justiça o declare illibado, o deixam em socego os calumniadores. Se houvesse a lei de Lynch em Portugal, estavamos todos enforcados sob palavra dos nossos inimigos!

— Póde V. Ex.ª acreditar que eu nunca fui inimigo de Manoel de Oliveira, e só por lealdade para com o meu chefe....

— Sem duvida, sr. secretario geral. Isto é estabelecer o principio que ha de regular o meu procedimento, o seu, e o de todos os empregados. Eu sou administrador interino, e já tenho successor nomeado, porém hei de cumprir o meu dever em quanto estiver aqui.

— Esteja V. Ex.ª certo de que a minha boca se não abrirá mais a tal respeito.

— O seu silencio em certas conjuncturas tambem não é bom. Falle mas com prudencia administrativa, replicou o administrador sorrindo. Agora tenha a bondade de dizer a esses senhores que eu vou já abrir a sessão.

O secretario levou a correspondencia eleitoral, entrou no seu gabinete, fechou-a na gaveta da mesa, passou defronte do espelho para ajustar o nó da gravata e atravessou para a sala onde estavam esperando os membros da commissão. Ali depois de reciprocos apertos de mão e das frases cortezes e não mui concisas com que os portuguezes se comprimentam e saudam, voltou-se a tratar de Manoel de Oliveira ácerca de cuja fortuna e situação actual disputavam com opi-

niões encontradas aquelles philantropicos cidadãos conimbricenses. O secretario geral apenas ouviu pronunciar com desfavor o nome de Manoel de Oliveira, deu ao rosto compostura séria, carregou o sobrolho, e olhou com severidade para o atrevido preopinante que tomára a palavra.

Era um proprietario de Santo Antonio dos Olivaes, que apesar de ser rico e timbrar de independente trazia na administração geral umas vinte pretenções a respeito da estrada, do caminho, da egreja, da remissão de uns fóros, e de tudo quanto mais de perto lhe tocava. Ao ver o aspecto supercilicioso do secretario ficou tranzido da imprudencia em que caira mui innocentemente por cuidar que a suprema autoridade constitucional estava sempre disposta a abrir as masmorras para o crime e a exigir templos á virtude segundo lhe ensinára o conego Ladislau quando em um subterraneo de Sub-ripas o recebera pedreiro livre no anno de 1824.

Dois mesarios da Santa Casa que estavam mais afastados conversando no vão de uma janella, voltaram costas para rirem da atrapalhação do homem, e disseram um para o outro por entre os dentes que bom era ser rico porque até na desgraça encontram protecção as mãos que já tiveram muito dinheiro.

— Amigo, dizia um d'elles. Rapoza não come rapoza; come as gallinhas que são pequenas.

Nisto entrou S. Ex.ª o sr. administrador geral interino, tomou o logar da presidencia e começou os trabalhos dando parte de que o vice-presidente Manoel de Oliveira não comparecia por doente. O proprietario que ainda não tornára em si do susto de ter desagradado ao sr. secretario geral, disse com voz tremida:

— Coitado! Elle soffre de enxaquecas. Grande homem é Manoel de Oliveira! E honrado até ali.

— Todos o temos nessa conta, respondeu o administrador geral sem olhar para o aterrado proprietario e mudando de conversação.

Cuidou o pobre homem que o magistrado administrativo não gostára do elogio a Manoel de Oliveira, e ficou sem entender a severidade das phisionomias administrativas que tão carrancudas se volvem ao vituperio como ao louvor. Pelo sim e pelo não recordando-se dos negocios que o traziam sempre nos corredores da administração, protestou interiormente nunca mais fallar em Manoel de Oliveira nem para bem nem para mal.

Não quero obrigar o leitor a assistir á sessão da commissão, na qual nobres e burguezes, professores e simples cidadãos escutaram com attenção, fallaram com abundancia e gravidade ácerca da reforma dos asylos, e votaram conscienciosamente, ficando addiada a questão principal como é costume em todas as nossas assembléas. No fim o admi-

nistrador geral aproximou-se do thesoureiro da Misericordia, e perguntou-lhe muito naturalmente se a Santa Casa contava principiar brevemente o hospital novo.

— Saiba V. Ex.ª, respondeu o thesoureiro, que ainda não temos os 120 contos em que está orçada a obra, e a mesa não quer começar sem haver o dinheiro em caixa.

— Nisso fazem bem para não terem em Coimbra obras de Santa Engracia. Mas se a memoria me não engana, agora já lhes não falta muito.

— Temos noventa e tantos contos.

— Arrecadados?

— Sim senhor. Estão sob minha responsabilidade em casa do nosso vice-presidente.

— Ah! Muito bem.

— Eu com estes boatos que andam na cidade desde então, confesso que não pude ter mão em mim e fui a casa d'elle, porque emfim V. Ex.ª bem conhece que o dinheiro é sangue! E então aquelle que é o sangue dos pobres!

— E que lhe disse o Oliveira?

— Elle não estava lá. Tinha ido para casa doente. Quem me fallou, foi o Henrique de Mello que é tudo ali na casa. Queriam-me dar logo parte do dinheiro e ir buscar o resto. Eu não quiz, nem quero tal somma em minha casa. De casa d'elle só para aqui, se V. Ex.ª der licença.

— Não me parece necessario, respondeu o administrador geral; entretanto fallaremos d'esse negocio mais descansadamente hoje á noite em casa de Manoel de Oliveira. Agora peço-lhes licença porque tenho de ir ao sr. reitor que está á minha espera, concluiu S. Ex.ª olhando para o relogio.

A assembléa dissolveu-se. Os dois mesarios ao despedirem-se na rua sorriram, e um disse ao outro:

— Meu amigo, é dictado velho: «Quem tem padrinho, não morre moiro.» A mim me aconteça o mal que ha de vir a Manoel de Oliveira. Tu vais lá á noite?

— Essa é boa! Sem falta e tu tambem?

— Pois então! Tu não ouviste. Manda quem póde. Até á noite.

— Vai cedo para vermos quem apparece.

Poucos minutos depois entrava na carruagem o administrador geral dando ordem ao boleeiro que o levasse á Universidade.

Ao despedir-se do secretario que o acompanhára até á porta, S. E.ª offereceu-lhe leval-o na carruagem á Coiraça de Lisboa onde morava.

— Agradeço muito a V. Ex.ª e acceito, mas terei o gosto de o

acompanhar á cidade alta porque tenho que fazer para os lados do Jardim Botanico.

A carruagem seguiu levando os dois funccionarios administrativos dos quaes um ficou em casa do reitor, e o outro foi deixar o seu bilhete de visita na de Manoel de Oliveira.

(Continúa).

A. A. Teixeira de Vasconcellos.

EPISODIOS DA VIDA DE ALEXANDRE DE HUMBOLDT

Fragmentos de uma Biographia completa.

X

Humboldt escreve o KOSMOS

allámos já dos cursos professados quasi ao mesmo tempo por Humboldt no grande amphitheatro da universidade de Berlin e na sala da academia de musica na mesma capital. Dissemos que tiveram aquellas prelecções por objecto a descripção physica do mundo. Notámos que d'estas licções veio a originar-se a grande obra, a que seu auctor deu o significativo nome de *Kosmos*. Vimol-o apparelhando os materiaes para esta formosa e correcta construcção, que diversos accidentes da sua vida tão aventurosa o obrigaram muitas vezes a interromper.

Cumpre que digamos n'esta occasião qual foi a distribuição que da sciencia geral do globo, ou da que os antigos chamaram *physica* na maxima comprehenção do termo, fez Humboldt pelas sessenta e uma licções, de que formou o seu curso. As pri-

meiras dez foram consagradas á definição do seu objecto, á fixação dos limites, que separam a descripção physica do universo de todas as outras sciencias humanas, e á exposição geral dos phenomenos do universo. As seguintes deseseis foram destinadas á descripção dos espaços celestes; cinco á forma, densidade, calor central e magnetismo do globo terrestre, e ás auroras polares; quatro á parte solida da terra, ás fontes thermaes, tremores de terra e aos phenomenos vulcanicos; duas á figura da superficie terrestre, divisão dos continentes e seu relevo e altura acima do nivel do mar; tres á hydrographia geral; dez á athmosphera e á distribuição do calor; uma á distribuição geographica dos corpos organisados em geral; tres á geographia botanica; tres á geographia zoologica, e duas finalmente ao estudo das raças humanas.

Por muitos annos trabalhou Humboldt na obra, em que elle intentava resumir e compendiar os resultados de toda a sua vida scientifica. O *Kosmos* foi para elle a occupação predilecta das horas, que lhe deixavam livres as multiplicadas obrigações de sua immensa actividade intellectual nas diversas provincias do saber, os deveres da vida publica, e as honestas diversões da sociedade elegante, em que nunca deixou de brilhar, como um espirito sempre festejado e sempre applaudido por sua agudesa e descrição.

Desde muitos annos habitava Humboldt em Berlim, n'um bairro tranquillo, na rua *Oranienburger*, na casa numero 67, que pertencia ao banqueiro Alexandre Mendelssohn, em cuja familia o sabio era recebido com affectuosa intimidade. Era a casa, que servia a Humboldt de domicilio, já notavel pelas suas tradicções. Havia pertencido ao pae de um dos mais illustres poetas allemães, Theodoro Koerner, cujos canticos patrioticos haviam contribuido para exaltar os brios da raça germanica contra o arbitro das nacionalidades e dos thronos nos primeiros annos do seculo XIX.

N'esta quieta habitação, Delphos pacifica d'este Apollo vivo, se iam receber os oraculos de quem representava a universalidade das sciencias, compendiadas n'um só entendimento privilegiado. Aqui discorriam livres de todo o importuno cuidado, embellecidos pelo trabalho regular os dias de Humboldt, já ancião de idade, mas ainda juvenil pela frescura de espirito e pela inalteravel robustez de sua organisação. Ali tinha por companheiro a um velho servidor, o fiel Seiffert, que durante quarenta annos havia seguido o sabio, e nos steppes da Asia havia corrido com elle todos os lances da sua aventurosa expedição.

Os estrangeiros, que procuravam o Aristoteles moderno — e eram

numerosos e sollicitos os que de todo o mundo accorriam a esta romagem scientifica — chegados á casa da rua *Oranienburger*, eram introduzidos n'um gabinete, que pelo genero de suas decorações era como que a traducção material da grande obra, que trazia preoccupado o illustre prussiano. Viam-se em artistica desordem n'aquella estancia aves trazidas de remotas regiões, peixes e animaes marinhos, instrumentos physicos. D'aquelle aposento entrava-se á bibliotheca, e d'ali ao gabinete de trabalho, onde passava em seus estudos o incansavel auctor do *Kosmos*. É este gabinete o que foi reproduzido na gravura pelo artista Hildebrandt e por elle publicado. Era n'este sanctuario da sciencia, que o celebre naturalista saía a receber com a sua franca hospitalidade os estrangeiros que o vinham visitar.

Aqui tinha o forasteiro a melhor occasião de contemplar em toda a sua magestade o vulto de Alexandre de Humboldt, a sua cabeça modelada pelo typo mais perfeito da raça dominadora, os seus olhos vivos, penetrantes, ainda esplendidos com o brilho da adolescencia, os cabellos prateados, que lhe ondulavam e caiam em volta do pescoço, o sorriso meio ingenuo, meio sarcastico, que lhe vincava nos cantos da bocca o signal do engenho superior e do espirito subtil e por vezes malicioso. Quando o estrangeiro era um homem de talento, acolhia-o Humboldt com os mais evidentes signaes de interesse e benevolencia. Então o dialogo animava-se e continuava quasi sempre no proprio idioma do estranho, por que Humboldt fallava com admiravel perfeição muitas das linguas europeas, principalmente o francez e o inglez.

Não muitos annos ha que o sabio prussiano se levantava antes que os primeiros albores tingissem a madrugada. Ás 4 horas da manhã estava ja de pé. Ás 8 horas recebia os que o procuravam. Bastavam quatro horas de somno á sua privilegiada organisação e ao seu espirito, que mais vivia do que se fatigava com a quasi ininterrupta actividade. Nos ultimos annos de sua vida, já depois de octogenario, a velhice impoz-lhe então os seus direitos, e o velho Humboldt, transingindo com as exigencias da materia, dava mais algumas horas ao somno. Levantava-se então ás 8 horas e meia, segundo affirmam os biographos, que melhor individuaram a sua maneira de viver domestico. Lia o seu correio, respondendo ás cartas mais urgentes. Compunha depois melhor o seu vestuario e recebia as visitas, que o buscavam, ou saía pela cidade. Ás duas horas da tarde voltava a casa e ás tres saía de novo para ir ao paço, onde jantava habitualmente com o rei, ou para ir alegrar com a sua amena e espirituosa practica a mesa de alguma familia amiga, quasi sem-

pre a do banqueiro Mendelssohn, onde era conviva sempre querido e festejado. Ás 7 horas tornava a casa e ali se detinha até ás 9 lendo ou escrevendo. Saía outra vez, ou para ir ao paço fazer sua côrte — mas côrte digna e irreprehensivel — ao seu soberano, ou para apparecer n'algum dos salões da mais elegante sociedade. Á meia noite recolhia ordinariamente e era então que Humboldt começava a viver para a sciencia, para o trabalho productivo, para os cuidados da sua gloria e da sua immortalidade. Principiava então a escrever no seu predilecto manuscripto, o *Kosmos*. Ás 3 horas da madrugada deixava o trabalho para ir repousar.

Não havendo nunca tido familia propria, as affeições familiares de Humboldt eram todas consagradas á familia de seu irmão. A baroneza de Bolow, que assistia no castello patrimonial de Tegel, era de todas as filhas de Guilherme, aquella, com quem mais intima convivencia mantinha o sabio. A 14 de setembro, anniversario do seu nascimento, havia em Tegel esplendido festejo em honra de Alexandre, e ali concorriam seus amigos e admiradores, e ali se deliciava o illustre ancião, enlaçando docemente n'aquelle convivio das maiores celebridades intellectuaes, a religião da familia com o culto das sciencias e das artes.

Humboldt era, em Berlim, no apparente retiro de *Oranienburger strass*, o centro, e o nó de todos os fios intellectuaes e scientificos. Tudo quanto havia de sabio, de nobre, de espiritual ali vinha prestar a homenagem, que não é custosa, antes é agradavel de render aos talentos, que se affastam do commum. A verdade era o seu culto. Os sectarios d'ella podiam contar com elle por amigo. O erro e a hypocrisia eram os seus mais aborrecidos inimigos. Os charlatães tinham seguro o seu despreso.

Vivia esta felicissima e invejavel existencia, em que nem o corpo se extenua em padecimentos, nem o espirito se enleia em mil cuidados e amarguras. Se fosse ambicioso, que mais poderia Humboldt appetecer? As honras e grandezas do mundo social todas elle possuia, e possuia, com este titulo precioso de não haverem sido requestadas com humilhação, senão offerecidas como tributo ao genio. A quem tem impressa na fronte esta augusta predestinação da magestade intellectual, que póde importar-lhe uma dignidade mundana, uma bordadura, uma divisa heraldica, uma venera, uma gran-cruz, um farrapo nobiliario ou uma chave dourada de camarista? O genio basta-se a si proprio, e mais ainda, quando o genio se póde expandir á larga e para fóra de si nos incommensuraveis, nos infinitos dominios da natureza. Que lhe póde uma honra convencional trazer de goso intimo e

de orgulho pessoal? Não é o diadema, que faz os monarchas, nem a espada, que designa os conquistadores, nem a toga, que levanta os consules. Os consules, os reis, os conquistadores a si proprios se fazem taes. No mercado da immortalidade não se conhece a moeda das chancellarias d'este mundo. A historia não pergunta hoje se Homero foi commendador, ou Virgilio conselheiro. Poucos sabem que mercês fizeram os reis catholicos a Christovão Colombo, e o nome do heroe anda na bocca de todos honrado e fidalgo por si só, e pela gloriosa empresa, a que deu lustre. Humboldt não precisava do passaporte ephémero das graças e mercês reaes para sentar-se ao festim da gloria. Se tivera porém, caido n'esta perdoavel debilidade, tivera safra copiosa de distincções nobiliarias, com que podesse inchar sua vaidade. Era camarista desde 1805; foi depois cavalleiro da nobilissima ordem da Aguia-Negra, grão-chanceller da ordem civil *pour le mérite*, grão-cruz da ordem belga de Leopoldo, da Legião de Honra, da ordem dinamarqueza de Danebrog, da noruegueza de Santo Olau, das ordens russianas de S. Estanislau, Santa Anna, e S. Alexandre-Newsky, da do Falcão de Saxonia, da ordem sueca da Estrella Polar, e da ordem hespanhola de Carlos III. Teve a insignia da segunda classe da ordem russa de S. Wladimir, cuja concessão é por extremo difficil, pela alta cathegoria, a que promove os seus cavalleiros, e com outras distincções analogas prefez Humboldt o numero de desesete insignias, honra apenas concedida raras vezes a principes ou ás primeiras e mais illustres capacidades do governo e da milicia.

Acima dos titulos officiaes, que testificavam a veneração dos soberanos por Humboldt, tinha elle a admiração universal, tinha esta, a verdadeira, a preciosa, a difficil insignia da gloria, reconhecida e confessada, e se é possivel encarecida por todo o mundo civilisado. E para que nada podesse divertir o animo de Humboldt e violental-o a baixar das ethereas regiões do espirito para os cuidados e trabalhos do pão quotidiano pelo qual tantos homens eminentes são obrigados a esperdiçar e a vender a retalho os pedaços do seu talento, para que o sabio não tivesse de luctar um instante com as difficuldades da vida material, eram seus haveres bastantes para uma decorosa sustentação. Os rendimentos, que recebia da casa real, e o producto de seus numerosos escriptos davam-lhe com que viver honradamante, e as sobras applicava-as com mão larga a animar as emprezas scientificas e alliviar, por uma generosa caridade, o infortunio dos necessitados.

Do *Kosmos*, em que Humboldt empregava os melhores tempos de seu trabalho, estavam publicados tres volumes e a primeira

parte do quarto em 1858. Além d'esta sua melhor tarefa intellectual, escreveu uma introducção para preceder as obras completas de seu amigo Arago, pagando assim depois da morte d'aquelle eminente sabio a divida, que havia contrahido em muitos annos de collaboração scientifica e de nunca desmentida amisade e reciproca admiração.

Humboldt, com este triste e doloroso privilegio dos homens que vivem annos dilatados, havia visto em redor de si cairem agora um, logo outro, os seus mais dilectos amigos e os que na sua infancia e na sua juventude haviam sido companheiros seus na patria e fóra d'ella. Morrera Guilherme, seguindo de perto no tumulo a Carolina, sua esposa, e deixando na alma de Alexandre o lucto, que as alegrias da naturesa não poderam nunca totalmente dissipar. Morrera Arago, morrera Leopoldo de Buch, o estatuario Rauch, tão seus affins pela amisade. Uma nova perda o veiu contristar em 1858, e como annunciar-lhe que d'esta geração illustre, que o seculo XVIII legára ao seculo presente, era elle o ultimo, que ficava para resumir as glorias e as tradicções de todos elles. Aimé Bonpland, o infatigavel companheiro de Humboldt nas excursões americanas, morria a 4 de maio de 1858, na cidade de S. Anna, na America meridional. A morte de Bonpland, o qual deixára o mundo em idade de mais de oitenta annos, era como uma advertencia a Humboldt de que devia preparar-se para repousar entre os loiros do tumulo, das fadigas da sua irrequieta organisação e do seu vivissimo sentimento

Até os ultimos annos o velho Humboldt seguia quasi a mesma norma e estylo de viver, a que estivera sempre habituado, durante a sua residencia de Berlim. Acompanhava o rei a todas as excursões nas cercanías da capital, e na sua intimidade continuava a achar na familia real o affavel acolhimento, com que os principes honravam ao mesmo tempo as cans do velho, e as glorias do eminente pensador. Ora em Berlin, ora em Potsdam ora em Sans-Souci, em todos os castellos reaes apparecia Humboldt ao lado do seu monarcha, não por luzir na côrte, onde mais valia tem ordinariamente os cultores da adulação do que os evangelistas da verdade, não para amimar vaidades mundanas, senão porque o seu animo generoso buscava todas as occasiões de mostrar o seu affecto ao rei, antes como a amigo, do que a senhor e poderoso.

Toda a gente em Berlin o conhecia e apontava, quando passava pela rua. Era mui para ver como o iam saudando pelo caminho os que com elle topavam, caminhando com seu ar grave sem affectação, com sua não estudada compostura, com a cabe-

ça um pouco pendida para o chão, como ancião e meditabundo, levando as mãos encruzadas sobre as costas, e pendente d'ellas alguma brochura ou pequeno livro, em cuja leitura aproveitava aqui e acolá alguns minutos. Assim andava o venerando velho por muito tempo sósinho nos passeios de Potsdam ou em Berlin, n'aquelle melancolico e formoso sitio de *Unter-Linden*, respondendo com sua cortezã affabilidade aos que o saudavam no caminho. Os homens do vulgo o notavam quando passava e diziam entre si, mostrando-o com o dedo — Acolá vae Humboldt!

Asseveram seus biographos, os que d'elle escreveram ainda vivo, que nunca revellou o sabio a menor sombra d'este orgulho e d'esta adoração de si proprio, com que muitos espiritos de vulgar reputação se compõem a si mesmos um sanctuario, d'onde estão quasi intimando a admiração e o culto dos estranhos. Quem visse Humboldt, esquecido inteiramente de si e da sua gloria, meditando nas leis da natureza, sob a folhagem das tilias no passeio de Berlin, julgaria um momento contemplar a augusta simplicidade de Socrates, errando, desfarçado na sua modestia, no portico de Athenas.

Humboldt, sem renegar n'um apice a patria e a raça, que tanto ennobreceu, havia despido a indole germanica, para se accommodar ao cosmopolitismo, que era nos dominios da sciencia a sua mais fervorosa aspiração. Em nada se lhe percebia, diz um biographo compatriota de Humboldt, o pedantismo de tantos sabios allemães. Os seus costumes eram antes affeiçoados á imagem da elegante vida parisiense do que imitados do seu torrão natal. Espirito essencialmente synthetico, viajante quasi por natureza, havendo frequentado quasi todas as nações cultas, tomára de cada uma a mais nobre feição moral, para de todas compôr o exterior ornato da sua propria individualidade.

Tinha por costume assistir, sendo já mui velho, aos cursos mais brilhantes ou mais notaveis, que em Berlin se professavam, e folgava de se confundir na turba dos moços estudantes, desdenhando os logares privilegiados pelos bancos escolares. Ouvia assim muitas vezes ás nove horas da manhã em estação invernal, tão rigorosa sempre n'aquellas latitudes, as lições de Boeckh sobre a historia da litteratura e a archeologia hellenica. Muitas vezes seguia os cursos de Carlos Ritter sobre a geographia geral, e quando o geographo citava a auctoridade de Humboldt a proposito de questões physicas ou geognosticas, o auditorio volvia instinctivamente as cabeças para o lado, em que estava o insigne naturalista, acompanhando com signaes de profunda veneração e sympathia as citações do professor.

Era immenso o circulo das suas relações pessoaes com os mais eminentes personagens do mundo civilisado. Sabios, artistas, principes, estadistas, mulheres illustres de varias nações tinham durante a larga vida do sabio e nas suas dilatadas viagens e estações em quasi todos os grandes centros de população, vivido na sociedade de Humboldt em Berlin, em Paris, em Petersburgo, em Londres, Dresde, Roma, Napoles, em todas as cidades, onde se cultivam as artes, as sciencias, a poesia, as antiguidades, a palavra, o espirito nas suas infinitas manifestações. Uma circunstancia accrescera propicia a vulgarisar nas mais altas regiões sociaes o nome de Humboldt. Fôra a diplomacia, a que como a um episodio se havia tambem applicado em diversas temporadas de sua vida. Seguindo a Humboldt principalmente como sabio nas phases da sua longa existencia, apenas citámos a missão diplomatica, de que foi encarregado em 1830 para ir a Paris reconhecer a que se annunciava nova dynastia de Orleans, e foi apenas um rei e um exilio. Outras missões exerceu Humboldt, das quaes summariamente daremos aqui noticia. Não era a diplomacia e o tracto dos negocios politicos a sua vocação especial. Não que seja incompativel o governo dos homens com as sciencias da natureza e que o genio seja inconciliavel com o menoio da administração. Já se vira no principio d'este seculo Napoleão, primeiro consul, chamar quasi dos espaços sideraes, onde vagueava, creando a mechanica celeste, ao genio de Laplace para lhe encarregar o ministerio do interior.

Humboldt preferia as leis perpetuas da natureza ás leis mudaveis dos homens, e as revoluções do globo ás revoluções da sociedade. Na altura, a que subira, haviam de parecer-lhe mui pequeninos os homens, a agitarem-se em mil diversas direcções e com mil interesses contrarios na superficie da terra.

A politica é uma scena mui estreita para quem se affez a dilatar o espirito pelos espaços infinitos. Mas todos somos mortaes e carne, grandes ou pequenos, engenhos de eleição ou obscuros entendimentos; ás paixões dos homens nos havemos de mesclar, ou haja de ficar em branco ou honrosamente escripta a nossa pagina no livro das commemorações da posteridade. Bem grande e bem genio era o Dante e quem mais do que elle manchou a lyra no lôdo das facções? Bem poeta era Milton, aquelle que reconstruiu o Eden e quem mais do que elle se affogueou no inferno das paixões politicas? Bem eminente espirito era Cicero, bem feito para as solidões de Tusculum, ou para o tranquillo rusticar de Arpino, e quem mais do que elle provou que os odios partidarios não perdoam á lingua mais divina?

Humboldt teve, pois, tambem as suas quadras — fugitivas e ligeiras é verdade — consagradas á politica.

Contava apenas vinte e cinco annos quando pela primeira vez foi empregado n'uma commissão diplomatica. Acompanhou então o ministro von Hardenberg a Francfort, aonde aquelle alto funccionario prussiano ía tratar com lord Malmesbury e com o almirante hollandez Kinkel.

Uma nova missão diplomatica lhe foi encarregada no anno de 1796. Viera de Beyreuth, onde exercia funcções de engenheiro de minas, a Berlin, a visitar sua mãe, que então adoecera. O exercito francez, capitaneado por Moreau irrumpera violentamente no Wurtemberg. Fugira o principe diante das bandeiras da republica e o rei da Prussia receiava que as suas possessões de Hohenloe viessem a ser presa das tropas republicanas, commandadas por Moreau e por Jourdan. Durando ainda a paz, que em 1795 fôra estipulada em Basiléa entre Hardenberg, representante da Prussia, e a republica franceza, era de esperar que os generaes invasores respeitassem os territorios prussianos. Para conciliar o favor dos generaes francezes foi Humboldt deputado em missão especial, e levando comsigo o capitão von Pirch partio de Ingolfingen para o quartel general republicano na Suabia. Levou o sabio o feliz termo a sua negociação e teve occasião de fallar ao general Desaix, a qual pedio a Humboldt que em vez de buscar n'uma larga e perigosa viagem as terras tropicaes para assumpto de suas investigações, seguisse a expedição franceza, que então se planeava para o Egypto.

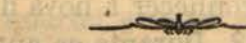
Em 1806 achava-se Humboldt em Berlin de volta da excursão que fizera ao Vesuvio na companhia de Leopoldo de Buch e Gay Lussac. Estava então a Prussia na mais dolorosa prostração. A paz de Tilsitt havia lançado aquelle paiz n'uma lastimosa situação. Eram pesadissimos os encargos impostos pelo grande conquistador á nação prussiana. Pensou-se em abrandar os rigores do poderoso arbitro das Tulherias e lembrou, como remedio o enviar a Paris o principe Guilherme da Prussia, que pelo esforço e bizarria de seu animo, de que dera já brilhantes provas no verdor dos annos, em que então era, parecia o mais accommodado a interessar em favor da sua patria o imperador Napoleão. O principe partio em 1808. Occupada militarmente a cidade pelas tropas francezas, vivia Humboldt em uma habitação remota e solitaria, aonde forcejava por temperar a dôr dos infortunios publicos, seguindo com a sua habitual perseverança uma serie de observações sobre a agulha magnetica e sobre a sua declinação. D'este pacifico retiro o foram buscar para que, deixadas tempo-

rariamente as tarefas do sabio, acudisse como cidadão, com a fama do seu nome ás necessidades communs da sua terra. Havia o governo determinado que Humboldt acompanhasse o principe a Paris, onde poderia ser de grande proveito á missão, pelo que era de bem acceito ás mais elevadas cathegorias sociaes, em cuja frequencia e intimidade havia vivido. Partio pois de Berlin para Francfort, onde se juntou ao ajudante de campo do principe, o cavalheiro de Hedermann, depois general e genro de Guilherme de Humboldt. O principe da Prussia demorou-se em Paris até o outono de 1809 e Humboldt ficou ainda n'aquella cidade depois de haver acabado a missão, em que ali fôra.

Em 1814 acompanhou o rei na sua viagem politica á Inglaterra. Em outubro de 1818, estando Humboldt em Londres, foi chamado pelo rei da Prussia á Aix-la-Chapelle, onde então se reunia o celebre congresso. Assistio em 1822 com o seu soberano ao congresso de Verona. Em maio de 1830 acompanhou o principe real da Prussia a Varsovia, onde o imperador Nicolau ía abrir em pessoa as sessões dos estados geraes. Seguio depois o rei a Teplitz e havendo logo acontecido a revolução, que deu o throno a Luiz Philippe, foi, segundo já dissemos, Humboldt encarregado de ir em missão diplomatica reconhecer a nova dynastia e em Paris se demorou até março de 1832. Durante os annos de 1834 e 35 permaneceu de novo em Paris, com a missão especial de escrever directamente ao rei da Prussia, narrando-lhe tudo o que na corte de Orleans occorresse digno de menção, encargo que depois por muitos annos successivamente se repetio.

J. M. Latino Coelho.

SAUDADE



Como é doce o perfume
Dos pomares em flor,
No volver d'estas noites scintillantes,
N'estas horas de amor!

Escondida entre o matto
Géme a rôla selvagem:
Sua languida luz destilla a lua
Atravez da folhagem.

Murmura a folha sêcca,
Cahindo mansamente:
Os ramos dos salgueiros debruçados
Se miram na corrente.

Pousou no virgem seio
Da flor, nocturna arágem:
No espelho de minha alma se reflete
A sua meiga imagem.

E cuido vê-la!... branco
Phantasma que fluctua,
Passando na clareira silenciosa,
Ao morto alvor da lua!

Pallida... como o lyrio
Que triste ao pôr do sol,
Na haste languidamente se reclina
Á voz do rouxinol.

Revê minha alma as noites
Que breve decorreram,
E sob as azas limpidas de um anjo
Tão saudosas volveram.
.....

Onde está, Senhor, o anjo que piedoso
Junto de mim pousou,
E no caminho escuro e duvidoso
Ao lado me guiou
Com luz tão branda?!... Então, no doce enleio
De meus sentidos, na manhã da vida,
Por teu nome vibrou, pulsou meu seio,
Por teu nome, Senhor!
E cantei teu louvor
Na lyra melancólica e sentida,
Que teu poder me deo.
Então, na santa, etherea formosura
Minha alma enlevada, á immensa altura
Tentou subir do Ceu,
Como a ave que busca a seus amores
Outro ninho escondido pelas flores.

Á luz do sol nascente
Não vecêja com mais verdor a rosa,
Na campina, tremente,
Do que teve essa aurora deleitosa!
Fulgia a luz tão bella
E nuvens não velavam seu encanto:
Só depois atravez de um véo de pranto
Vimos a nossa estrella,
Quando turva a gentil serenidade
De seu primeiro brilho, s'escondia,
E ao longe na floresta já s'ouvia
Lamentosa bramir a tempestade.
Mas então só ventura promettia!
Onde está o anjo que enxugou meu pranto

Com seus formosos, seus longos cabellos
E como incenso perfumado e santo
Que sóbe ás nuvens... m'ensinou a erguêl-os,
Os meus hymnos d'amor,
Ao throno do Senhor?

Ainda então, que instantes de doçura!
Quando já a luz saudosa declinava,
E a flor de nosso enleio, a flor tão pura
Já de lagrimas tristes s'orvalhava!...
Lagrimas, gota a gota destilladas
Dos meigos olhos seus,
Que em pérolas lusentes condensadas
Foram brilhar nos ceus!...
Longe, na selva umbrosa
O vento da tormenta sussurrava,
Mas em torno de nós tudo viçava,
E a voz melodiosa
Que expira e trina á tarde na espessura
D'esperança nos fallava e de ventura.

Ai! onde está, Senhor,
Esse anjo redemptor?

Suas nevadas pennas,
De tanta formusura,
O pó da terra desbotou-lhe o viço
E a reluzente alvura.

Elle pousou seu labio
Na taça das vaidades,
E o sonho gentil foi cêdo olvidado,
Por frias realidades.

Liba seu mel a abelha,
Zumbe, folga no prado,
Quando o delirio terminar, um dia,
Ha de chorar seu fado

Revoa e colhe as rosas
De um fugitivo goso,
Mas da vida d'amor, no seio é morto
O raio luminoso.

Hão de entrega-l'a noiva
E cingida de flores,
Como a pomba que adeja palpitante,
A vendidos amores.

Mas no suave encanto,
No mysterio d'esta hora,
Cuido vê-la... tão alva como o lyrio
E como foi outr'ora.

E cuido ver no bosque
A sua doce imagem,
Á luz tão bella que destilla a lua
Atravez da folhagem.

ENNES.

JOSÉ JOAQUIM RODRIGUES DE BASTOS

III

orreram os tempos, morreu El-rei D. João VI, succedeu-lhe seu filho primogenito o imperador do Brazil, que tomou o titulo de D. Pedro IV, deu a Carta Constitucional, abdica na Sr.ª D. Maria II, e nomeia Regente do Reino a Sr.ª Infanta D. Isabel Maria, que por decreto de seu Augusto Pae, presidia já a Regencia. O Sr. Bastos, então corregedor e provedor da comarca do Porto, com graduação de dezembargador, foi chamado pela Serenissima Sr.ª Infanta ao importantissimo cargo de Intendente Geral da Policia da côrte e reino, posto de grande confiança em que iam encontrar larga occasião de exercitar-se a lealdade politica, a firmeza de caracter, a energia de animo, a prudencia e a moderação do deputado ás primeiras côrtes portuguezas.

Não era difficil prever que das circunstancias do tempo surgiriam grandes obstaculos á realisação do governo constitucional; entretanto quem pugnára pela sua verdade nas assembléas legislativas e quem lhes sollicitára mais tarde a restauração pela mão do Rei, não podia recusar agora a sua cooperação para a tentativa generosa que á Sr.ª Infanta cabia emprehender em nome do Sr. D. Pedro IV e na lisongeira esperança de conciliar os animos de todos como o imperador meditára unir em laços estreitissimos as pretenções dynasticas.

Não me incumbe ser historiador da regencia da Serenissima Filha dos nossos Reis. Melhor do que o ha de narrar a historia nem sempre desapaixonada, estão agora dizendo das virtudes da Senhora Infanta D. Izabel Maria o respeito geral e a veneração de todos os portuguezes. Ainda não esqueceu aquella epocha em que Sua Alteza contando apenas vinte e cinco annos tomára sobre os seus delicados hombros o pezo da governação publica, e conciliando os deveres do seu cargo com os mais generosos sentimentos de tolerancia e de moderação, obtivera em curto espaço de tempo o affecto do povo portuguez, e a admiração da Europa.

Não creio que o novo codigo agradasse a todos os liberaes ainda eivados das exageradas pretenções da primeira quadra constitucional. Desprazia de certo aos absolutistas que não admittiam transação em momento favoravel para alcançarem victoria decisiva. Entre as exigencias imprudentes d'aquelles, e os intentos retrogrados de est'outros, fez a occasião praça aos conservadores e ahi acudiu o Sr. Rodrigues de Bastos como a um posto de honra. Cooperar com tão excellente Princeza para fundar a liberdade pratica na terra portugueza regerando a nação sob o influxo das idéas modernas e sem renunciar os beneficios com que a nossa civilisação se avantajava a outras, era empenho digno do caracter honrado e patriotico do sr. Rodrigues de Bastos, e do seu experimentado talento.

Dava-lhe grande authoridade o cargo de Intendente Geral da Policia, e nas delicadas conjuncturas d'aquelle tempo de certo se não tomou providencia importante, nem se adoptou expediente ponderoso sem consultar o magistrado, que velando pela segurança de todos, sabia melhor do que outrem os perigos a que a minima imprudencia podia expôr a sociedade. Ao sr. Bastos deve pois tocar parte dos louvores ou da censura que a posteridade attribuir aos actos da regencia da Senhora Infanta. Nem o seu animo, generoso e leal, recusa a solidariedade com a Augusta Princeza. Se fallando ou escrevendo ácerca d'essa epocha, occulta modestamente o seu nome, é porque dezeja que o juizo benigno dos contemporaneos preste homenagem inteira ás virtudes da Regente e que nem se lembre dos que o patriotismo d'ella animava e dirigia até para a aconselharem.

Em breve a guerra civil devastou as provincias do norte e poz em agitação, senão em risco eminente, o reino inteiro. Não tremeu o animo da Senhora Infanta. Aos que lhe pediam que assumisse a dictadura, respondia que taes magistraturas *desacreditavam e tornavam odiosos os governos, terminando por fazer os povos desgraçados.* Aos que instavam pela suspensão das garantias, lembrava que o *estandarte da tyrannia se não devia arvorar no campo da liberdade. A Senhora Infanta,* diz um dos mais illustres cumplices no seu bondoso governo,

não fez a guerra ao povo por causa da guerra de parte do exercito; não perturbou o socego dos cidadãos pacificos em odio aos cidadãos rebellados; não oppoz as violencias á força, mas a força á força e apóz a força a indulgencia. Nestas breves frazes que o discernimento publico attribuiu ao Senhor Conselheiro Bastos desde que appareceram estampadas, está a melhor apreciação dos principios que serviram de norma ao Intendente Geral da Policia no exercicio do seu cargo.

O nosso insigne orador sagrado D. Fr. Joaquim de Santa Clara recitando a oração funebre do 1.º Marquez de Pombal, chamou generoso ao valor de desgostar os homens para lhe fazer bem. Pois o senhor Bastos teve sobejas occasiões de provar que lhes não faltava essa coragem generosa, e soube aproveital-as sem sacrificar ás paixões politicas os dictames da consciencia ou as regras de simples delicadeza.

Apprehenderam as authoridades da fronteira grande numero de cartas dos officiaes e soldados do exercito do marquez de Chaves nas vesperas da invasão, e enviaram-nas á Intendencia Geral da Policia. O sr. Rodrigues de Bastos mandou-as ao governo fechadas como as recebêra. O governo resistiu á curiosidade instigada pelo zelo da salvação publica. Ninguem quiz abrir taes cartas! Este acto que um escritor contemporaneo compara a egual feito praticado pelos Athenienses em guerra com o Rei de Macedonia, é digno dos melhores tempos de Sparta, e resume admiravelmente os principios de moralidade politica que então reinavam nas altas regiões do Estado. Só podem proceder assim os governos que acreditam firmemente na força dos principios que lhes servem de base.

Se Portugal ainda hoje se recorda gratamente da Regencia da Senhora Infanta, o magistrado que teve a honra de ajudar Sua Alteza em tarefa tão complicada e melindrosa, nunca perdeu as boas graças da esclarecida Princeza que o honrára com a sua confiança. Passaram as paixões d'esse curto periodo. Quasi esqueceram com as lutas sanguinosas que logo começaram. Sobreviveram porém no animo de todos o amor á Senhora Infanta, e o respeito ao veneravel octogenario, seu conselheiro, seu amigo, e seu biographo. D'estes dois sentimentos são diarias as manifestações em Portugal.

IV

No mez de fevereiro de 1828 desembarcou em Lisboa o Senhor D. Miguel; tomou conta da regencia como estava determinado por Seu Augusto Irmão, e cedendo ás instancias dos partidarios do governo absoluto mandou convocar os Trez Estados do Reino para *reconhecerem a applicação de graves pontos de direito publico.* Nesta assemblea leu-se o auto respectivo preparado com antecipação, e para logo o

aassignram todos sem discrepancia nem discussão. O nome do senhor Rodrigues de Bastos, então dezembargador do Paço le-se entre as outras assignaturas.

Para apreciar com justiça este facto, é necessario recordar as circunstancias d'aquella conjunctura tão extraordinaria e difficil, e examinar se ao senhor Conselheiro Rodrigues de Bastos incumbiam deveres mais sagrados do que á maioria da nação.

O senhor D. Pedro estava no Brazil, e não podia de tão longe occorrer ás necessidades do reino cuja coroa abdicára. A senhora D. Maria II era muito joven e tambem não vivia na Europa. O senhor D. Miguel, Principe Portuguez, no verdôr dos annos, destinado esposo de Sua Excelsa Sobrinha, futuro Rei segundo a legislação politica da monarchia e conforme o preceito da Carta Constitucional, viera de Vienna de Austria por consentimento de Seu Irmão tomar conta do governo do Reino.

Asseveravam os seus amigos que o Principe adquirira, nas viagens, excellentes qualidades, e que amestrado pela experiencia e ajudado pelos conselhos dos principaes gabinetes da Europa, só pretendia renovar os bons tempos de Portugal, acabar com as discenções internas, e promover a publica prosperidade.

Esta idéa era tão geral que os proprios liberaes apezar de desconfiarem das intenções do Principe e de recearem a preponderancia dos seus partidarios, pareciam resolvidos a acceitar a nova situação, se lhes fosse permittido viver em paz. A maioria do povo manifestava grande enthusiasmo a favor do Principe. Os absolutistas havia muito que o proclamavam Rei.

Importava pouco que o Senhor D. Miguel subisse ao throno por direito hereditario ou por casamento, pois que de qualquer dos modos devia reinar. Cumpria ao Principe destruir com prudente lealdade essa divergencia entre os decretos do Senhor D. Pedro, e as acclamações populares. Não era desacerto suppor que o Senhor D. Miguel proclamado Rei, casasse com Sua Augusta Sobrinha e acabasse d'este modo com todos os pretextos immediatos de discordia. Não faltava tambem quem imaginasse que o Senhor D. Pedro se não oppunha a esta solução a qual de certo modo conciliava a sua vontade com a de um partido numeroso e forte em que a nobreza da corte, a das provincias e o alto clero, eram robustecidos pela devoção popular.

Os constitucionaes não tinham Principe que os protegesse, nem chefe eminente que os capitaneasse. A nação não entendia o alcance das idéas novas. Tinha-as por contrarias á religião, á ordem publica, á prosperidade nacional e ao bem do Estado. Os emigrados realistas regressados ao reino ardiam no indiscreto zelo de todas as emigrações. Os homens sizudos procuravam temperar com a obediencia e a resi-

gnação as paixões dos vencedores. Muitos liberaes desnorteados, sem unidade, sem direcção, e assombrados pela rapidez dos acontecimentos, cumpriam em silencio as ordens que lhes vinham das authoridades superiores e curvavam a cabeça á onda que os accommettia.

Tenho aqui deante de mim o auto de acclamação do Senhor D. Miguel no Porto, e leio nelle varios nomes de homens cujo amor á liberdade era conhecido, e cujos serviços ainda aproveitaram á restauração dos direitos da Senhora D. Maria II.

Os governos caem, as nações ficam. Os Reis vão ás vezes morrer no exilio, as nações não, dizia Chateaubriand. Ao Senhor Rodrigues de Bastos na idade de 51 annos e membro do Dezembargo do Paço, não competia hastear a bandeira da resistencia. Talvez fosse virtude fazel-o. De bom grado concedo que faltou essa virtude onde tantas outras lhe deixavam tão acanhado espaço para se desenvolver. Nem quero examinar qual fosse a opinião do Senhor Rodrigues de Bastos ácerca dos direitos hereditarios do Senhor D. Miguel. Seria duvidar da clarissima intelligencia e dos conhecimentos philosophicos de tão eximio magistrado, e de homem politico tão notavel, suppor que elle subordinava o direito dos povos a serem bem governados á lei social que com o mesmo fim estabeleceu o direito das dynastias.

Nenhum dever especial de lealdade o collocava em situação excepcional. Onde a maioria da nação se pronunciou, cedeu elle á voz geral, e ficou a desembargar feitos sem intervir na actividade politica do novo reinado. Assim ficaram muitos liberaes sinceros, cuja boa vontade e animo compassivo amansaram as iras dos realistas, exacerbadas pela revolução militar de 16 de maio de 1828, e soccorreram os constitucionaes nos amargosos transes do carcere e do homisio.

Nas contendas civis representa a casualidade um papel importante Por ella muitos realistas tomaram armas contra o Senhor D. Miguel, e muitos liberaes se conservaram na sua obediencia. O Senhor Bastos passou esse periodo em nullidade politica, e concentração domestica, sempre notado liberal, mas sempre respeitado pela seriedade do seu procedimento e pelas suas notorias virtudes. Ao cabo de seis annos, extincto o tribunal a que pertencia, e organisado o novo systema de governo e de justiça, recolheu-se á vida privada sem saudades dos esplendores da côrte, e sem remorsos dos actos que nella praticára.

Saudára com férvido enthusiasmo a aurora da liberdade, e empenhára-se em que brilhasse com verdadeiro fulgor na terra portugueza. Ajudára a moderar-lhe os impetos da mocidade, e arredal-a dos perigos inherentes a essa quadra da vida Assistia silencioso ao longo ensaio dos principios absolutos na sua mais dasafogada applicação. Procurára refrear tadas as más paixões e cada uma d'ellas o proclamou desde logo seu inimigo.

Que lhe restava depois de tão repetidos desenganos, de tão longa experiencia dos erros e das injustiças dos homens? Onde poderia encontrar repoiso a alma sedenta de verdade, a consciencia incapaz de sacrificar o bem ao interesse, o dever á consciencia, a rasão ás trevas que a obscurecem? A não ser no seio do Eterno, que elle abre aos seus escolhidos na hora apontada pela sua immensa sabedoria, só encontraria abrigo na religião que prepara o homem para esse delicioso descanso, e que lhe vae habituando a vista a contemplar o sol da eterna verdade.

Desde esse praso os estudos do sr. conselheiro Rodrigues de Bastos foram inteiramente consagrados a assumptos religiosos e moraes sem o ascetismo exaltado que antes affasta do que attrahe os profanos, e com a doçura e caridade de que Jesu Christo nos deu o exemplo, e de que o Evangelho é manancial perenne.

Teem sido dedicados a estes trabalhos, cuja doutrina é corroborada com o exemplo de solidas virtudes, os ultimos vinte e cinco annos da vida do sr. Bastos, sem ambições nem despeito, sem saudades dos tempos que foram, sem pretenções ácerca do porvir, e entregando a carreira de seus dois filhos ao merecimento proprio de cada um d'elles. O mais velho falleceu na India onde servia dignamente na Relação de Goa. O segundo, depois de tomar em Paris o grau de doutor em medicina, e de se ter assignalado em Angola como facultativo excellente e cidadão não menos util, veio occupar no reino a presidencia do Conselho de Saude Naval que exerce ha annos.

O sr. Bastos, é, como todos os dezembargadores do Paço, fidalgo Cavalleiro da Casa Real, e tem o titulo de Conselho. Não sei se é Cavalleiro de Christo. Desde 1820 até hoje tem chovido graças e mercês sobre todos os portuguezes. A elle coube a mais rara, e que os reis não podem conceder aos seus maiores validos, e foi a de as merecer todas. Valem mais do que as distincções officiaes, a veneração e respeito com que é pronunciado o nome do sr. Conselheiro Bastos pelos seus compatriotas e por todos os christãos do mundo civilisado.

V

São muito importantes as obras publicadas pelo sr. Bastos desde 1842 até 1857. Ali estão os principios religiosos e moraes que dirigiram na sua longa carreira o venerando magistrado que é hoje uma das primeiras glorias portuguezas. Ali as doutrinas que lhe inspiraram o amor sincero da liberdade e o horror não menos profundo da anarchia, que lhe ensinaram a tolerancia e caridade christã com que se modera a vehemencia das paixões politicas, que lhe fortaleceram a paciencia e a resignação nas crises mais dolorosas e difficeis, e que

cercaram estas raras virtudes com a explendida aureola da mais exemplar modestia.

Nesses livros estão as provas irrefragaveis da vida do sr. Conselheiro Bastos, e os documentos da sinceridade d'esta narração, com que a boa vontade do escriptor tinha forçosamente de ficar áquem da grandeza do assumpto.

Intitulava-se o primeiro livro: *Meditações ou Discursos Religiosos.* Foi impresso em Lisboa na Imprensa Nacional em 8.º gr. no anno de 1842. O sr A. F. de Castilho, então redactor da Revista Universal annunciando a apparição d'este livro, não duvidou chamar-lhe *Livro de Oiro.* A 2.ª edição appareceu no anno seguinte; a terceira, augmentada com alguns capitulos e uma introducção, sahiu em 1844. Foram obra dos prelos portuenses a 4.ª e 5.ª em 1850, assim como a 6.ª e 7.ª em 1857.

Proclamam o alto valor da obra sete edições em tão poucos annos e em terra como a nossa; mas se a escripto tão superior faltasse a estima dos naturaes, nem sempre favoravel aos que mais honra lhes estão dando, bastaria o testimunho dos estranhos que immediatamente o traduziram. Não podia ser unicamente portuguez um livro cuja doutrina era universal como o christianismo.

Appareceu com effeito logo em francez com authorisação do sr. Arcebispo de Paris. Trasladaram-no egualmente os italianos, Imprimiu-se em inglez, e o sr. Arcebispo do Rio de Janeiro mandou fazer uma edição á sua custa que distribuiu gratuitamente pelos collegios e pelo clero. Em Portugal, diz o benemerito author do Diccionario Bibliographico, foi o livro adoptado geralmente nas escholas.

Sahiu a segunda obra do sr. Bastos com o titulo de *Collecção de Pensamantos, Maximas e Proverbios.* Lisboa, na Imprensa Nacional 1847 em 8.º gr. 2 tomos. Publicaram-se depois duas edições no Porto, sendo a terceira augmentada com novas maximas e pensamentos. Do merecimento do livro diz o nosso incansavel e erudito bibliographo o sr. Innocencio Francisco da Silva as seguintes palavras no 4.º Tomo do seu excellente Diccionario — «*Passa por ser a obra mais notave que no seu genero existe em Portugal*». Esta opinião é de juiz competente e pouco inclinado a lisonjas.

D'este livro se originou dizer-se que o sr. Bastos era o Rochefoucauld portuguez, e este epitheto, de certo appropriado no que respeita ás superiores qualidades do estylo, passou em julgado sem maior exame. Hoje quasi fôra injuria ao author despojal-o de tão geral denominação. Acceitamol-a pois, mas acrescentemos que o sr. Conselheiro Bastos é o Rochefoucauld catholico de que a christandade havia mister para oppor ás doutrinas egoistas, e aos brilhantes paradoxos do Principe de Marsillac.

A Virgem da Polonia sahiu á luz em 1857 na Imprensa Nacional de Lisboa em 8.º gr. de 152 pag. Teve 2.ª edição muito augmentada em 1859 tambem em 8.º de VIII-422 pag. A 3.ª edição egualmente augmentada, e a 4.ª, publicaram-se no Porto. Consta que fôra reimpressa esta obra fóra de Portugal e traduzida em francez.

Do livro *Os Dois Artistas, ou Albano e Virginia* diz o sr. Innocencio Francisco da Silva, que é um romance moral como o antecedente, do qual ha trez edições sendo a ultima impressa no Porto no anno de 1857 em 8.º gr.

O Medico do Deserto é um volume de 8.º cuja 2.ª edição é portuense e traz a data de 1857. Tem IV-224 pag.

Attribue-se tambem ao sr. conselheiro Bastos um pequeno folheto de 20 pag., anonymo e sem data da impressão nem declaração da terra onde fôra dado á luz. Intitula-se *Biographia da Serenissima Senhora Infanta D. Izabel Maria*. Devo o exemplar que possuo á benevolencia do meu respeitavel patricio o sr. José Lourenço Pinto, e creio poder affirmar que é da penna do nosso respeitavel moralista esse testimunho de respeitosa homenagem á Augusta e Piedosa Princeza, filha do Imperador e Rei D. João VI.

O sr. Bastos escreve com grande clareza e sobeja concisão. No seu estylo superior ou da maior parte dos escriptores portuguezes do principio deste seculo, sobresae o apurado gosto dos prosadores francezes nos reinados de Luiz XIV e de Luiz XV, mas a pureza da doutrina, e o acerto dos conceitos arrebata o espirito, de maneira que mal consente que se attenda á fórma, e que se lhe conheça a filiação.

Entre os moralistas e escriptores religiosos portuguezes não tem rival, e não creio que fóra das nossas fronteiras outrem lhe leve vantagem na excellencia da moral, na interpretação do sentimento catholico, e na applicação suave, mas firme, dos principios christãos a todas as situações da existencia humana, sem condemnar a civilisação que elle julga inseparavel da crença religiosa.

VI

Contará em breves dias o sr. Bastos oitenta e quatro annos, passados no serviço do Estado ou consagrados a primorosos trabalhos de utilidade nacional e humanitaria. A edade não lhe enfraqueceu as faculdades, não lhe abateu o espirito, nem lhe diminuiu a benevolencia e graça habitual do seu caracter. A ninguem peza a sua superioridade. A natureza austera dos seus principios, e a severidade da sua moral, não envergonham pessoa alguma. São no trato da vida, como nos seus livros, suaves, caridosas, tolerantes, benignas, quer dizer, evangelicas.

Vive o sr. Conselheiro Rodrigues de Bastos inteiramente retirado dos negocios publicos, repartindo as horas de cada dia entre a sua familia, alguns amigos fieis, e os seus livros, e continuando a ser o mais convincente exemplo da excellencia das suas doutrinas, e da modestia e cortezia dos antigos tempos, virtudes de que já se não encontram vestigios na geração actual.

Honra-se o Porto de o ter por cidadão; gloria-se Portugal de o contar entre os seus filhos; aponta-o a magistratura como veneravel ornamento dos seus annaes, e desvanecem-se os homens de lettras de inscreverem tão grande nome no cathalogo dos escriptores portuguezes.

Cumpriu a *Revista Contemporanea* o proprio dever e solveu uma divida nacional dando o retrato d'este insigne ancião. Eu solemnisei uma festa de familia, recordando para meu exemplo e de todos, o nome justamente afamado do homem cujas virtudes domesticas são tão notorias e dignas de respeito quanto foi sempre conhecida e celebrada a rectidão do seu caracter público.

Paris 1 de Novembro de 1861.

A. A. Teixeira de Vasconcellos.

CORRESPONDENCIA DO BRAZIL

Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1861.

screvo n'um dia de saudosas recordações. A civilisação, chegando a Portugal depois de ter-se mostrado em outros paizes, estabeleceu o seu quartel general em Lisboa, como era natural, e só mais tarde foi filiar-se nas provincias, onde hoje passeia, airosa e desassombrada, lisonjeando-se com a mais animadora recepção; ahi, pois, no das grandesas da corte, mal se avalia a saudade que deve sentir, longe da patria, o simples provinciano que, por não poder abrir gar-se á sombra de frondosa arvore genealogica se ufana com a alcunha de *tripeiro*, cuja origem não deixa de ser gloriosa.

O Porto conserva ainda muitos dos seus antigos costumes, e valerá menos, na minha opinião, no dia em que começar a envergonhar-se de prestar culto ás tradicções que tem respeitado sempre.

Vou caminhando para a velhice, e será poisso, talvez, que eu acho muita poesia n'esses festejos populares das provincias. Nascido entre o povo, e sem vocação alguma para elevar-me a regiões mais altas, pude observar de perto esses poeticos folguedos, em que mais se estreitam os laços de familia, em que a alegria brilha radiante em todos os semblantes, porque vem direita do coração; e creio piamente que as vicissitudes da vida não terão poder para desarreigar-me da alma essa lembrança, alimentada pelo sentimento.

Andei por essa grande e formosa cidade; paguei o competente tributo de admiração á estatua equestre, e de susto ao aqueducto das Aguas-livres, que percorri interiormente; vivo hoje na opulenta capital do Brasil, onde

ha muito que ver, onde me prendem ardentes affeições, e, todavia, ainda não pude esquecer-me dos bons tempos d'outr'ora. «O que o berço dá a cova o tira.»

É por esta razão que me sinto deveras impressionado, escrevendo na vespora do Natal, em que, como diz o nosso João de Lemos:

«A noite é mais dia
«Que o dia melhor.
«Á terra allumia
«O seu creador:
«E brilham fogueiras,
«Festeiros, festeiras,
«Em danças ligeiras
«Dançando ao redor.»

Mas é preciso cumprir uma obrigação, ha de cumprir-se.

O romancista, o poeta e o jornalista politico, se possuem uma imaginação fertil, são mais felizes do que eu seria se a tivesse, sendo forçado a submettel-a ás condicções que me impõe o desempenho d'esta ingloria missão.

Aquelles deixam correr livremente a penna, sem que ninguem lhes marque o terreno que teem de vencer; e a penna, ás vezes, enthusiasma-se, e tanto corre que o bom senso a perde de vista para sempre.

O correspondente é o que menos gosa a liberdade da imprensa, porque a redacção do jornal, assumindo um caracter despotico, sujeita-o a um jugo pesado e insupportavel, obrigando-o a registrar os mais insignificantes acontecimentos, de que ha de dar *conta*, a commental-os com *peso* e a estender os commentarios por *medida!*

Este trabalho é, além de monotono, improficuo, porque ainda ninguem se lembrou de erigir uma estatua, um monumento qualquer que atteste á posteridade que o correspondente foi um dos heroes d'este seculo! Paciencia; levarei a cruz ao Calvario, pedindo a Deos que inspire os nossos filhos para que façam mais justiça aos correspondentes futuros.

Vamos ás noticias. O dia 1.º de Dezembro não podia de modo algum passar desapercebido no Rio de Janeiro. O prudente e bem elaborado manifesto que ahi se publicara, aconselhando ao povo a maneira mais conveniente de commemorar esse dia, sem offender susceptibilidades, fôra bem recebido aqui pelos portuguezes, que não podiam deixar de reconhecer a inconveniencia das manifestações ruidosas. Frustraram-se, pois, alguns projectos creados no calor da effervescencia, quando as folhas politicas de Portugal vinham replectas de artigos em que se excitava o patriotismo contra as idéas propagadas sobre uma fusão irrealisavel, e assentou-se em abraçar o pensamento dos illustres signatarios do manifesto.

Além dos actos religiosos, que foram extraordinariamente concorridos, houve aqui um festejo, modesto mas significativo, e summamente agradavel para todos os que presam as grandezas da sua patria.

A benemerita Sociedade Madrepora escolhera esse dia memoravel para effectuar a entrega solemne do retrato do nosso muito querido e admirado

Alexandre Herculano, ao gabinete portuguez de leitura, magnifica instituição, digna, pelo seu valor, de tão brilhante offerta.

As Directorias, e grande numero de socios de todas as sociedades portuguezas, reuniram-se ao meio dia no edificio do gabinete, sem que para isso se fizessem convites especiaes.

Por um respeitavel socio da Sociedade Madrepora, portuguez muito distincto pelo caracter, pela intellegencia, e pela extrema modestia com que realça estes valiosos dotes, foi lido um bellissimo discurso, allusivo ao acto e que não viu a luz da publicidade, talvez, por se opporem a isso os principios estabelecidos por aquelles nossos dignos compatriotas, cujo desejo, tão ardente como sincero, é prestarem relevantes serviços ao seu paiz, escondendo cuidadosamente a mão que poderia abrir-se á recompensa.

Resisto com sacrificio, á vontade que tenho de publicar o nome do distincto portuense que maior impulso tem dado áquella sociedade que é o auctor do discurso a que alludo: creio na abnegação, quando se ostenta com obras, sem ser significada por palavras.

O discurso agradou a todos, merecendo geraes louvores, pelo patriotismo que o dictava, e pelo estylo, energico e fluente.

Por um socio do gabinete portuguez de leitura, foi depois lido, diante do retrato de Alexandre Herculano, o seguinte

SONETO

Salve! nobre escriptor, cidadão nobre,
Da honra e do saber typo eminente!
Curva-se a ti a lusitana gente,
Louvam-te o rude e o sabio, e o rico e o pobre:

Esse véo de modestia, que te encobre,
Rasga-o da fama a voz, sempre eloquente;
Mais foges da grandeza, independentemente,
Mais teu prestigio tem com que redobre!

Bem vindo sejas, pois, que é mais vantagem,
Teu nome tendo impresso na memoria,
Comtemplar-te as feições na tua imagem:

Honra a ti, novo heroe da lusa historia!
Louvor aos que te dão justa homenagem,
E gloria ao *dia*, a que tu dás mais gloria!

É extraordinario o prestigio que tem aqui o grande escriptor portuguez, que não é só apreciado pelos seus compatriotas. Entre os brasileiros são muito conhecidas todas as suas obras, que se lêem com enhtusiasmo; nem ha senhora de boa educação que não tenha lido o *Eurico, O Monge de Cister*

e outros preciosos livros do Sr. A. Herculano. É igualmente proverbial a nobresa de seu caracter, porque existem aqui alguns portuguezes que, como eu, tiveram a ventura de aprecial-o no trato intimo, e esses não podem deixar de patentear simultaneamente a admiração pelo escriptor e a affeição e respeito pelo homem, tão sabio como honrado, tão austero em seus principios como sympathico e ameno na intimidade.

Realisou-se no dia 2 do corrente a abertura solemne da exposição nacional. Foi uma festa brilhante, a que o povo concorreu em grande numero. Affluiram muitos objectos vindos das provincias, alguns dos quaes não poderam ser expostos no primeiro dia, por falta de tempo.

Supposto não esteja muito adiantada a industria no Brasil, é certo que a exposição, por ser a primeira, foi muito além da espectativa.

Appareceram trabalhos de muito merito, em diversos generos, e acredita-se, com rasão, que nas exposições futuras haverá muito que admirar.

A grande importação de productos estrangeiros dá forçosamente em resultado a desanimação dos artistas; de hoje em diante, porém, hão-de progredir as artes, que o estimulo desenvolve sempre.

O Brasil está em boas condicções para caminhar desaffrontado na estrada do progresso, e ha de caminhar até conquistar o lugar que lhe compete.

O sr. conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro acaba de enriquecer a litteratura do paiz com uma obra intitulada *Luiz do Rego e a Posteridade — Estudo historico sobre a Revolução Pernambucana de* 1817.

É uma obra de muito merecimento, e de grande auxilio para a historia do Brasil. Jazem ainda na obscuridade muitos documentos preciosos, e teem apparecido outros cuja inexactidão tem sido combatida por investigadores sensatos e rigorosos.

Sobre a memoria de Luiz do Rego pesavam accusações tendentes a affastar-lhe o respeito da posteridade. O sr. dr. Fernandes Pinheiro prova exhuberantemente a falsidade d'essas accusações, faz apparecer o caracter de Luiz do Rego com mais agradavel apparencia.

O auctor d'este valioso livro prestou incontestavelmente um grande serviço á sua patria.

Mais um drama original foi representado no theatro do Gymnasio Dramatico. Intitula-se *Resignação* e é escripto pelo sr. dr. Varejão, vantajosamente conhecido por outras obras do mesmo genero.

Não assisti á representação do novo drama; a imprensa, porém, elogiou-o, animando o joven auctor a proseguir na difficil carreira que encetára.

O exito feliz da opera *A noite do Castello*, do sr. Antonio Carlos Gomes, excitou em outros artistas o desejo de se mostrarem.

Entre esses torna-se muito saliente o sr. Miguel Angelo Pereira que, na idade de 20 annos, é já um pianista distinctissimo, sendo tambem apreciado como compositor, qualidade revelada apenas em alguns trabalhos ligeiros, que teem merecido geral approvação.

Agora, porém, lançou-se o joven artista a mais gloriosa empresa.

Está escrevendo uma opera intitulada *Eurico* e que tenciona apresentar as provas publicas no futuro mez de Junho. Peço licença ao nosso amavel patricio para duvidar da prompta conclusão da sua obra. Ouço dizer que o

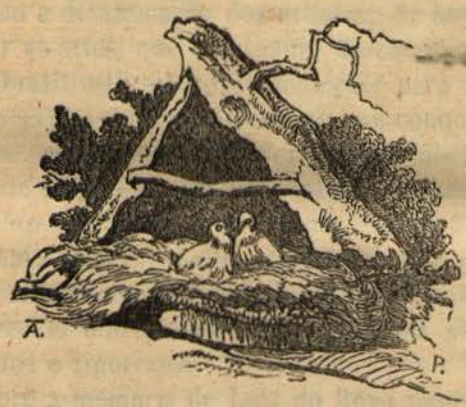
seu talento anda em lucta constante com a preguiça, e ninguem sabe a quem competirá o triumpho.

O *libretto*, extrahido do *Eurico*, do sr. A. Herculano, é composto pelo sr. José Antonio de Almeida Cunha, joven poeta brasileiro, de quem espero muito: fundo a minha esperança em solidas rasões, e conto apresentar em breve os documentos aos leitores da *Revista Contemporanea*.

F. X. DE NOVAES.

CHRONICA POLITICA

Lisboa, 31 de janeiro de 1862.



discussão nas duas casas do parlamento não tem servido para tirar a situação politica do estado precario em que se encontra. Os partidos tem pouca vida; a opinião publica vacila; parece antever-se a lenta elaboração de novas transformações politicas; e no entretanto todos vivem descontentes do que está, ao mesmo passo que parecem desconfiar do que ha-de vir. N'esta situação o ministerio tem pouca vida, mas vegeta sempre, resiste pela força da inercia, em quanto as opposições aggridem frouxamente e como que tem receio do triumpho. Os que a todo o custo querem sustentar o que existe não ousam deffender abertamente uma situação gasta e apoucada, mas especulam com as paixões e com os preconceitos para tornar incompativeis os adversarios. D'estes uns patenteiam as divergencias, que lavram no seu campo, outros abstem-se ou procedem com reserva. Em todo o caso o paiz estaciona, sem que lhe faltem forças e desejos de caminhar, mas incerto do rumo que melhor convém seguir, e dos pilotos que melhor saberão guial-o. Na falta de partidos fortemente constituidos e distanciados pela differença de idéas e de intuitos cabalmente definidos, no meio da confusão dos motos e dos programmas partidarios, a intriga, que é a politica dos insignificantes, retoma momentaneamente o logar donde a tinha banido a luta das idéas pela publicidade e emancipação da tribuna e da imprensa, que são os dois principios fundamentaes e essenciaes do regimen, que hoje se chama constitucional.

A vida do parlamento traduz e revela este estado de coisas. Depois dos graves acontecimentos do fim do anno preterito, que tornavam uns mais difficultosa a situação do governo, e outros mais enfraquecida e debilitada a sua authoridade, o parlamento, faltando-lhe o estimulo essencial da iniciativa ministerial, começou a occupar-se na discussão dos mais insignifi-

cantes e frivolos projectos, que haviam ficado desde a preterita sessão legislativa, sobre a meza da presidencia. A final entrou em discussão o projecto de resposta ao discurso da corôa, campo n'outras épocas dos mais renhidos combates politicos, e das mais primorosas ostentações oratorias. A opposição declarou pela voz dos seus chefes que addiava para outra occasião o exame dos actos do governo, e que votava o projecto da resposta como formalidade respeitosa para com o throno, em attenção ás circunstancias excepcionaes que se davam no discurso da corôa, e dos sentimentos de dar publica, que elles despertavam. Com effeito ia-se levar á presença do rei vivo a resposta ao discurso do rei morto. Entre estes dois factos tão proximos no tempo e tão immediatos na sua essencia, havia o final de um reinado, a inauguração de outro, e uma regencia de premeio; havia os funeraes de um rei e de dois principes egualmente queridos, havia as lagrimas de uma nação inteira, e os momentos de incerteza e angustia pelo resto de uma dynastia, a que se acham ligados os nossos destinos politicos.

Não é a primeira vez que se estabelece a practica de considerar a resposta ao discurso da corôa com uma formalidade constitucional, reservando-se a luta politica para os assumptos especiaes, em que ha sempre occasião de discutir os actos do poder e o pensamento governativo, ou a falta d'elle. Acontece porém quasi sempre um phenomeno notavel. Quando a iniciativa do governo tem lançado á tela parlamentar a resolução de importantes questões administrativas, as opposições discutem largamente a resposta ao discurso da corôa para embaraçarem a marcha do gabinete, procurando inutilisar os seus commettimentos. Quando os governos sãof rouxos, e tem pouca acção iniciadoura, quando pretendem, não robustecer-se na vida parlamentar, mas encher o tempo da época do parlamento, provocando discussões partidarias, que affastem o exame dos problemas administrativos, que não querem ou que não sabem resolver, então as opposições, simulando a mais irreprehensivel cordura, abstem-se de discutir a resposta ao discurso da corôa, para pôr a descoberto o lodo fraco da situação. No primeiro caso as opposições commettem um acto pouco nobre, mas nem por isso o que praticam no segundo é isempto de malicia.

Votadas sem discussão a resposta ao discurso da corôa e a dotação da familia real, entrou em ordem do dia o projecto de regencia a favor de El-rei o Senhor D. Fernando, que não é senão a prorogação da lei que já o havia designado regente para o caso da morte da rainha a Senhora D. Maria II. A discussão foi puramente de apparato. O impugnador foi só um, o sr. Pinto Coelho, a quem a sua posição de deputado legitimista impunha a obrigação de representar aquelle papel. A questão versou toda sobre o ponto de saber se o artigo da carta, que regula a regencia, e ao qual pelo projecto se ia derrogar, era artigo constitucional, porque n'esse caso só umas cortes constituintes, expressamente convocadas como a carta determina o podiam alterar. A carta diz que só é constitucional o que diz respeito aos limites e attribuições dos poderes politicos, e aos direitos politicos e individuaes dos cidadãos. O thema era appropriado para largas dissertações juridicas. Não faltavam jurisconsultos para o desempenho d'esta tarefa. O sr. Pinto Coelho,

habil argumentador e um dos mais distinctos advogados do nosso fôro, impugnou com felicidade e com a moderação e cordura, que demandava assumpto tão escabroso para a sua posição excepcional na camara. Responderam-lhe os srs. Ferrer, Silva Cabral e Simas com boa logica e pesada erudição, o sr. Francisco Luiz Gomes com a distincção e elegancia que caracterisam sempre os discursos do illustre deputado pela India, e o sr. Martens Ferrão com a profundesa e elevação com que se distanceia em todos os debates dos jurisconsultos seus collegas. O projecto foi votado unanimemente, porque o illustre deputado impugnador saío da sala no momento da votação. Com a mesma unanimidade accolheu o paiz este projecto, que ora pende da camara hereditaria, discordando apenas alguns jornaes na questão da constitucionalidade do artigo alterado. Bem andou em nosso intender o partido liberal, respeitando as suas tradições e os seus precedentes n'este ponto, e demonstrando que sejam quaes forem as suas divergencias, está sempre unanime, quando se tracta de defender ou fortalecer a ordem de coisas estabelecida em 1834.

A discussão ácerca do procedimento do governo por occasião dos tumultos de 25 de dezembro foi o primeiro terreno, em que os partidos poderam medir as suas forças. O campo não era para uma batalha, sel-o-hia quando muito para um reconhecimento. Que o governo se mostrou n'aquelle dia abaixo do que reclamavam as circunstancias, que os seus proprios amigos o confessaram com voz unanime no dia seguinte ao da retirada nautica do poder para a cidadella dos marinheiros militares, é um facto incontestavel. Porém não é com estes pecadilhos de circunstancia que se ha de fazer o processo a este governo. Por outro lado, como bem disse na camara um eloquente orador, a grandeza da catastrophe, que produzira o que havia de espontaneo na irritação publica, devia fazer amnistiar e esquecer a fraqueza momentanea e a falta de accordo em momentos tão afflictivos.

A discussão manteve-se quanto possivel para os nossos habitos n'uma certa elevação. O Sr. Fontes, que abrio o debate, foi moderado e circumspecto. O Sr. Casal Ribeiro, que fallava pela primeira vez, depois da sua longa ausencia do parlamento e do paiz, elevou-se, na sua curta oração, acima do assumpto. A discussão não se azedou, apesar do estylo menos parlamentar de alguns deputados noviços, que n'ella tomaram parte. A estreia de um joven deputado, que encerrou o debate, o Sr. Thomaz Antonio Ribeiro, revelando qualidades de muito apreço no moço orador, foi o acontecimento feliz da discussão. Os ministros, que fallaram, defenderam-se como poderam. Mas o que houve de mais notavel foi o discurso do Sr. José Estevão. A analyse dos seus eloquentissimos improvisos não é nunca facil, e d'esta vez tornar-se-hia mais difficil, se a tentassemos, para bem deffinirmos a posição excepcional, em que pareceu collocar-se o orador. Começou elle declarando que votava contra o ministerio e contra a opposição, contra o parecer da commissão, que louvava o procedimento do governo e contra os substituições e additamentos da opposição, que o censuravam. Esta posição era sustentavel, era sympathica e talvez logica.

O que porém nos pareceu menos foi a declaração de que não tinha confiança no governo e ao mesmo tempo de que se separava do partido da

opposição, em que militava havia dez annos, amesquinhando o que n'esse longo periodo e com o seu appoio e conselho esse partido tinha feito no poder. O orador porém não quiz tomar uma posição excentrica e excepcional. O seu intuito, e esta já é a segunda tentativa para o mesmo fim, foi reconstruir de novo um antigo partido, hoje dividido em dois campos inimigos, mais pela incompatibilidade dos homens, e pelas alianças estranhas, que amhos contrairam, do que pela discordancia de principios politicos. Muitos nos dois campos pensam como o illustre orador, mas não dão um passo para a realisação d'este pensamento sem verem ensejo, que o facilite. De cima, dos chefes devia vir o exemplo da abnegação e do accordo. Hão de oppor-se-lhe e tem-se-lhe opposto os conselheiros interessados e os validos insignificantes, que receiam ver alargados os arraiaes e crescido o numero dos que valem mais do que elles. Sobre isto o malogro da primeira tentativa azedou os animos dos apostolos, e mal pode prégar o evangelho da conciliação quem tanto se lembra das offensas, que lhe turbam as naturaes e elevados sentimentos de generosidade e de justiça. A votação da camara a favor do governo foi de 86 contra 44.

Na outra casa do parlamento, a commissão encarregada de dar o seu parecer sobre o mesmo objecto, sahio da opposição na sua maioria. A votação está duvidosa n'esta camara, cujos membros acodem de todos os angulos da provincia ao chamamento dos seus chefes. Raras vezes entre nós a camara hereditaria se tem collocado em manifesta opposição ao governo. As suas tradições são essencialmente governamentaes e conservadoras. Porém a pertinacia excessiva dos governos, seja dito em honra d'aquelle corpo politico, tambem ali tem achado o seu correctivo. O projecto da lei da imprensa, chamada *a das rolhas*, é uma prova d'esta verdade. Disputa-se o que fará o governo se levar um cheque n'aquella camara, ou se vencer a questão por uma maioria insignificante. Parece que alguns dos ministros optam n'esse caso pela sahida do gabinete; ha outro ou outros porém que presistem em apontar todos os alvitres menos o de abandonarem o poder. Tambem se affirma que a crise, se a houver entre as duas camaras, se resolverá, pedindo o ministerio todo a sua demissão, sendo incumbido de novo o actual presidente do conselho ou o nobre visconde de Sá de formar outro gabinete, para o que se entenderá com a opposição, procurando-se a fusão das duas principaes parcialidades politicas. Seria talvez esta a solução mais conveniente e constitucional, mas a ella se hão de oppor os que só lucram com o esclusivismo, e os que figuram de emprestimo á falta de gente n'um partido pobre de capacidades praticas.

O governo não se tem apressado em trazer á camara propostas de importancia administrativa ou economica, se exceptuarmos a lei dos arrosaes e a do credito predial. Mas serão estas propostas para se discutir, ou para ficarem sepultadas como tantas outras de interesse publico nos archivos das commissões da camara? A proposta sobre os arrosaes extingue esta cultura dentro do espaço de tres annos; a sua adopção encontra repugnancias mesmo no seio da maioria, cuja fidelidade até hoje é certo que tem sido cega, mas que o não será sempre da parte d'aquelles cujos interesses pessoaes forem affectados. A proposta de lei de credito predial, foi apresentada pelo

senhor ministro da justiça. Ha muito tempo que o codigo de credito predial do Sr. Martens Ferrão, que chegou a ser votado em 1860 na camara electiva, devia ser convertido em lei. O interesse e a opinião publica reclamam ha muito esta medida. Porém a pequenez e a vaidade, que a cada momento precisam de protestar contra a sua propria insignificancia, tem-se opposto a esta resolução. O Sr. Avila, que já não precisava de dar prova de si, não duvidou acceitar os projectos do seu antecessor. Mas não aconteceu o mesmo a todos os seus collegas. Despresou-se um excellente projecto de lei de credito predial, para agora haver de se discutir uma rapsodia talvez indigesta sobre o mesmo assumpto.

O Sr. ministro da Fazenda apresentou ao parlamento o seu relatorio annual sobre finanças, que vem publicado na folha official, em quanto se não imprimem os numerosos documentos e estatisticas que o acompanham, á vista das quaes sómente se poderá fazer um juizo claro do estado da fazenda publica. O relatorio publicado, que dá conta da execução de muitas authorisações, que o governo tem recebido em diversas épocas, apresenta desde já alguns dados, que não deixam de ter importancia, para a historia do paiz. Da parte que diz respeito á execução da lei de 29 de julho de 1854, que alterou o nosso systema monetario, estabelecendo o ouro como unico padrão, se deixa ver que as moedas antigas de prata, retiradas da circulação, quer por conversão nas novas moedas, quer por exportação, sobem já á somma de 13.179:668$310 réis, devendo advertir-se que a esta somma deverá juntar-se a quantia de 568:204$025 réis, se a prata exportada em barras provier, como é provavel, das antigas moedas, e que ainda existe em circulação bastante prata do antigo systema, principalmente em moedas de pequeno valor.

A amoedação das novas moedas de prata já sobe a 6.080:351$400 réis. A amoedação do ouro chega ao valor de 839:352$000 réis. A differença de cerca de seis mil contos que se nota entre as moedas do novo cunho e as antigas retiradas do giro, é compensada na circulação por libras estrelinas, que tem curso legal, e que são hoje a moeda mais geral e corrente no paiz.

Nota-se no mesmo relatorio que os bens das casas religiosas, vendidos até á data da sua publicação, tinham sido avaliados em 240:834$180 réis, e foram arrematados em 351:584$800 réis; que o seu rendimento era de 14:956$352 réis, e que o rendimento actual dos titulos, em que foram invertidos, é de 21:600$000 réis. D'aqui se vê que a administração, a que o rendimento d'estes bens é applicado, lucrou o melhor de 50 por cento com a desamortisação. Hoje a somma dos bens vendidos é muito mais consideravel, conservando-se na venda de todos elles a mesma subida de valor. O valor dos bens postos em praça até o dia de hoje, segundo as avaliações, é de réis 1.214:328$851. Se as arrematações continuarem a fazer-se com a mesma alta de valor, o seu preço total excederá a mil e oitocentos contos, que envertidos em inscripções pelos preços actuaes, absorverão e tirarão do mercado uma somma pouco inferior á de quatro mil contos nominaes.

Da extensa e confusa synopse das operações financeiras, com que o senhor ministro da Fazenda termina o seu relatorio, se resumem os seguintes dados mais importantes:

A totalidade das receitas extraordinarias, que o governo levantou durante

o anno de 1861, já principalmente pela venda e empenhod e bonds e inscripções, já por adiantamento sobre letras pagaveis pelo rendimento das alfandegas e pelo contracto do tabaco, foi de réis 5.794:131$960.

A principal applicação d'estes recursos extraordinarios foi, para caminhos de ferro 1.543:631$164; para estradas 1.185:402$905; compra do caminho de ferro do sul 930:730$950; melhoramentos da capital 184:500$000; emprestimo á companhia União Mercantil 101:206$975; armamento do exercito 104:959$911; dote e enxoval da Senhora Infanta D. Antonia 110:000$000.

A divida fluctuante e os encargos do thesouro (que são egualmente divida fluctuante, adiantamentos sobre lettras do thesouro, etc.) eram no dia 31 de dezembro do anno findo, de 2.046:279$497.

Os creditos supplementares e extraordinarios abertos durante o ultimo anno importaram na quantia de 542:455$692.

O relatorio do senhor ministro da Fazenda carece de um longo e minucioso exame, que não póde fazer-se sem a publicação dos documentos que o completam, e que não teria logar n'esta succinta chronica. Muita coisa haveria a notar, muito reparo a fazer sobre o systema das operações financeiras com que o governo satisfez ás necessidades da gerencia publica, e muitas indicações a apontar sobre as coisas que obstam a uma gerencia mais desassombrada, e sobre tudo mais economica e menos pesada e prejudicial ao desenvolvimento da riqueza publica.

CHRONICA LITTERARIA

assumpto principal d'esta chronica será, como dissemos na antecedente, a escola da arte dramatica. As considerações que vamos aventurar tem por unico fito demonstrar, ou antes tentar demonstrar, a conveniencia e utilidade da sua fundação. Realisada esta, appareceram inimigos e detractores, como sempre apparecem nas innovações e reformas, só por que são reformas e innovações, e por que os elementos em que se baseam, embora desconhecidos da maioria, e por vezes da totalidade dos adversarios, podem prejudicar, apresentando bons resultados, as velhas theorias e as praticas estabelecidas. Mas, a par dos inimigos e detractores, contam-se, talvez em menor numero, apologistas e affeiçoados. Somos dos ultimos, dizemol-o francamente. Não basta, todavia, dizêl-o, convém explicar as razões que nos levaram a applaudir a fundação da escola da arte dramatica. É assim que se revela a boa fé, é assim que se authorisa um voto. Podemos enganar-nos, podemos errar; mas sob o dominio de uma crença, devidamente concebida e manifestada. É n'este campo, no campo da discussão leal e cortez, onde só os principios e as idéas são armas, que as questões d'esta ordem, se illucidam e aproveitam. Vejam, antes de condemnar; observem, antes de deprimir. Nós temos ido vêr e observar, para formar e completar o nosso juizo ácerca do

methodo inaugurado pela nova escola, e as linhas que se vão seguir são resultado do que vimos e observámos.

A historia do theatro portuguez é bem conhecida, e n'essa historia encontra-se o melhor elogio que se podia tecer aos nossos primeiros artistas. Tudo o que são, e tudo a que chegaram, devem-n'o, quasi exclusivamente, a si. Quando a escola ultra-romantica estava em vóga, appareceu em Portugal uma companhia franceza, e interpretou no theatro da Rua dos Condes algumas peças d'aquelle repertorio. O enthusiasmo que então produziam, acordou não só os nossos talentos dramaticos, mas tambem excitou as vocações artisticas. Outro tanto aconteceu em França com o apparecimento das tragedias de Shakspeare, interpretadas por Kean e Macready, por miss Smithson e mistress O'Neil, despertando em Frederico Lemaitre e m.me Dorval o sentimento dramatico que depois lhes conquistou tamanha e tão justa celebridade.

Um máo actor francez d'essa companhia que veio para a Rua dos Condes, o sr. Emilio Doux, máo actor, mas intelligente e conhecedor das theorias e segredos da arte, isto é da escola d'aquella época, ficou entre nós, e foi collocado á frente dos actores nacionaes para os ensinar e dirigir na representação dos mesmos dramas que foram traduzidos para a scena portugueza. Teve por discipulos Emilia das Neves, Talassi, Epifanio, Rosa, Theodorico, Tasso e Sargedas, toda essa pleiada de artistas que realçam e illustram a nossa galeria dramatica.

Deu-se pois, o primeiro passo, e a iniciativa d'elle cabe seguramente a Emilio Doux. Faltavam-lhe condições para ser um bom mestre; mas possuia as necessarias para esboçar uma lição. O esboço era já uma revelação para os verdadeiros talentos. Depois a pratica e as proprias vocações, foram desenvolvendo as faculdades artisticas, a ponto de se realisarem brilhantes commettimentos. Se não havia no desempenho das obras a correcção de forma e a justeza de dicção que só procedem de uma boa escóla, havia a inspiração, o bello rasgo, o enthusiasmo intimo! O genero a que pertenciam os dramas representados n'aquella época, tambem se prestava aos grandes arrebatamentos, ás exclamações ruidosas, aos transportes exaltados. Era um genero grandioso, elevado, rico de esplendores, admiravel nos arrojos da phantasia; mas falso, mas ideal. Filho querido da imaginação de um grande poeta, elevou-se ás nuvens que o sol doiravam, esquecendo quasi a terra. Os seus personagens são visões deslumbrantes, os seus enredos nasciam de complicados e muitas vezes inverosimeis sonhos. Vivem todavia, estas producções, e vivirão, pelos finos diamantes e pelas pedras preciosas que lhes esmaltam o estylo e que lhes perpetuam o brilho. São os devaneios e os desaffogos de um coração de poeta, moldados a custo, n'uma forma para elles acanhada. Illumina aquelles quadros a centelha do genio, mas não a luz da verdade. Os artistas, pois, deixavam-se guiar pela phrase imaginosa e arrebatada do auctor, que, sendo como era, exaggerada, lhe facilitava a exaggeração. Emilio Doux tambem discipulo da escola ultra-romantica obedecia as mesmas impressões, e animava-os a seguil-as.

Mais tarde Epifanio substituio Emilio Doux, sem prejuiso para o theatro que continuou a florescer sob a sua direcção. Epifanio era um actor de ta-

ento e devotado intimamente á carreira que encetára. Tinha verdadeiro amor pela arte, e tudo quanto lhe cabia nas forças fez em bem della. Podem igualal-o; mas excedel-o em boa vontade, dedicação e zelo, isso não. Suppria com estes predicados habilitações que infelizmente não tinha, porque se as tivera, reuniria todas as condições que se exigem n'um bom mestre. E todos lhe haviam de reconhecer a competencia.

Na época da escóla ultra-romantica começou igualmente a reputação artistica de Epifanio. Ceifou numerosas palmas no desempenho dos mais notaveis papeis de todo aquelle repertorio. Em seguida o genero modificou-se e principiaram a apparecer algumas composições menos exaggeradas e mais verdadeiras na acção e no desenho dos personagens, insinuando já a nova escóla, que tempos depois se chamou a escóla do realismo. Este meio termo entre as duas escólas, foi que produzio o melodrama, e foi no melodrama que mais sobresairam os nossos melhores artistas, e que mais sobresaem ainda hoje. E facil é explicar a razão. A razão consiste em que as suas vocações alvoreceram sob a influencia d'esse genero, genero que nunca deixaram de cultivar, embora modificado, e genero para que os attrae necessariamente a educação artistica que receberam.

Houve um tempo que a primeira scena nacional excluio do seu repertorio o melodrama, e algumas comedias e dramas intimos foram ali desempenhados lisongeiramente. Dizemos isto, em louvor dos nossos artistas, que luctaram para subordinarem e vencerem as tendencias naturaes da sua emphatica declamação. Hoje a nova lei, readmittiu o melodrama. Fez talvez em beneficio ao cofre, mas prejudicou com toda a certeza a arte. E senão oiçam o que diz Jorge Sand, n'um livro em que apresenta algumas idéas sobre a arte dramatica, dedicado a Macready e intitulado *Le chateau des Désertes*.

«A inverosimilhança dos caracteres, dos dialogos, e até do vestuario, é o que basta para arrefecer a inspiração de um artista que comprehende a verdade e a quem repugna a mentira. Nada ha mais parvuo do que um actor que se apaixona n'uma scena impossivel, e que pronuncia eloquentemente discursos absurdos. É por se escreverem peças similhantes, e por se representarem, que não ha actores verdadeiros, e todos deviam sel-o. Quando o theatro fôr verdadeiro, todos os actores serão verdadeiros, mesmo os mais mediocres, os mais timidos; seja o theatro verdadeiro e todos que tiverem intelligencia e coração serão grandes actores; e nos intervallos em que estes não occuparem a scena e em que o publico descançar da sensação por elles produzida, os actores secundarios hão de ser ao menos naturaes e verosimeis. O publico hade acceitar esta escóla e ha de tornar-se consciencioso, justo na apreciação, enthusiasta pelas peças bem feitas e amigo dos artistas de boa fé. Até então não me fallem em theatro, porque é uma arte quasi perdida no mundo, e que só pelos esforços de um genio completo poderá resuscitar.»

Já se vê por este trecho que Jorge Sand votava contra a readmissão do melodrama. Mas deixemos a lei, deixemos o melodrama, e vamos sem mais divagações, ao assumpto que nos propozemos tratar. Cumpre, todavia, confessar que não reputamos escusado o leve esboço que traçámos sobre a historia do theatro portuguez. Traçando-o, desejámos mostrar, que da nossa

parte, não havia intenção de censurar ou deprimir os nossos artistas, antes pelo contrario de os louvar e applaudir. Somos deveras affeiçoados a alguns d'elles, e até nos prezamos de lhes merecer o nome de amigo. Intendemos, porém, que a fundação da escóla da arte dramatica nada traz em seu desabono, e que a posição que tem ganho á custa de trabalho, de estudo e de provados esforços, nada perde com a nova reforma do Conservatorio. Ha mais gloria em dizer: o que sou devo-o a mim unicamente; do que allegar que o recebera de outro. Os nossos melhores artistas estão no primeiro caso. Honra, pois, a elles. Mas, assim como tributamos homenagem aos artistas, tambem lhes negariamos a todos o nosso voto para o professorado. São aptidões inteiramente diversas e com diversas exigencias. O talento póde no actor vencer a falta de cultivação; a inspiração póde supprir o estudo. Mas no professor o estudo e a cultivação são indispensaveis. A sua missão não é manifestar unicamente, a sua missão é mais ardua e menos gloriosa, a sua missão é transmittir preceitos e regras para a boa interpretação dos papeis. Um excellente artista dramatico, póde ser um máu mestre; como acontece um eximio pianista ser um máu professor. Nem todos possuem o condão de ensinar, é um condão especial.

Ha quem julgue que a escóla da arte dramatica, é uma escóla differente das mais que existem no paiz, e que todo o estudante ali matriculado deve necessariamente tornar-se um grande actor! Flagrante absurdo! Pois fica medico ou cirurgião todo o estudante que sae approvado da escóla medico-cirurgica? Pois illustra e nobilita o fôro e a magistratura todo o estudante que sáe bacharel dos bancos da Universidade de Coimbra? Pois fica engenheiro distincto todo o estudante que fez o curso da escóla polytechnica? De certo que não. O mesmo ha de acontecer com a escóla da arte dramatica. Talvez de vinte discipulos que frequentam a aula, só dois ou tres consigam alcançar o nome de actores.

O intuito da escóla da arte dramatica, é educar e habilitar os individuos que pretenderem seguir a carreira de theatro. Não se compromette a fazer d'elles Racheis nem Talmas; compromette-se a demonstrar o methodo porque se póde chegar a esse fim. O discipulo que tiver vocação e talento evidentemente ha de aproveitar mais, do que o individuo a quem faltarem estes predicados, e com a illustração adquirida na escóla, maior realce e maior correcção poderá apresentar na scena. Os que forem privados de talento e vocação, hão de, como o cirurgião e o bacharel, igualmente distituidos, procurar outro destino.

O methodo seguido na escóla da arte dramatica, parece-nos auspicioso e proficuo. Os resultados que observámos nos discipulos por algumas lições a que temos assistido, firmam-nos n'esta idéa. É um systema de ensino inteiramente novo, systema inaugurado pelo sr. Duarte de Sá e proveniente de aturado estudo e curiosas investigações. Castilho, Mendes Leal, Andrade Corvo e Magalhães Coitinho, foram sempre consultados pelo incansavel professor, que porfia do coração em acertar, merecendo de tão competentes auctoridades plena approvação e alguns conselhos.

O primeiro anno cifra-se na arte de declamar. O livro escolhido pelo sr. Duarte de Sá, foi as *Viagens na minha terra*, do visconde de Almeida Garrett.

É um bom livro, e um livro portuguez de lei. Á leitura de cada periodo, segue-se a minuciosa analyse d'elle. Os objectos successivos d'esta analyse são: primeiro, qual o pensamento do auctor; segundo, qual a palavra de valor predominante; terceiro, qual o desenvolvimento complementar da oração; quarto, qual a pontuação, valor, e graduação d'ella; depois a inflexão de cada phrase, e a final a declamação respectiva. É curioso observar, como os discipulos, já procuram, já discorrem, já raciocinam; e vel-os a final comprehenderem e interpretarem. Obriga-os assim a pensar e reflectir, e tal obrigação é por força proveitosa.

O segundo anno abrangerá o difficil estudo da gesticulação, e só no terceiro serão confiados aos discipulos os papeis de uma peça. Exigirá então, e só então, porque só então estarão aptos, que personifiquem n'uma individualidade scenica as generalidades em que progressivamente se foram exercitando. Esta ultima parte importa a verdadeira criação dos typos, a composição dos personagens.

Todo este systema vai de accordo com as idéas do sr. Duarte de Sá. Não é fazer representadores que elle pretende; é formar actores que elle deseja. Não é ensinar um individuo a declamar um papel, pois isso facil lhe seria, só com a repetição machinal das inflexões que lhe désse e dos gestos que lhe indicasse; é habilitar e educar, repetimos, um discipulo que tiver vocação, para interpretar e comprehender por acção da propria intelligencia, amestrada n'estes exercicios, os variados papeis que lhe forem distribuidos.

Apontámos em resumo as mais salientes feições d'este methodo que nos parece mais adequado para satisfazer ao fim que se propõe. É bom esse methodo? A nossos olhos é, e dissemos porque. Haverá melhor? Não sabemos, porque nenhum outro se apresentou ainda. Appareça elle e poder-se-ha comparar. Temos ouvido fazer-lhe muitas censuras,mas observámos ao mesmo tempo que os censores exercem a sua critica no vacuo, porque ainda nem se deram ao trabalho de ir averigual-o, condemnando assim o que ignoram.

Em todo o caso defendemol-o porque é já alguma coisa, e estamos sempre do lado dos que lidam, e em opposição aos que unicamente negam.

31 de Janeiro 1862.

ERNESTO BIESTER.